

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Ilustração: Wilson Inácio ISBN - 978-65-999129-0-0 Ano V - nov/dez 2024



#31



MINISTÉRIO DA CULTURA





Lei
**Paulo
Gustavo**

Juntos para a cultura resistir



PENSAMENTO LIVRE

REVISTA

D-ARTE

ISBN - 978-65-999129-0-0

Ilustração/ Wilson Inacio



A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público.

As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio
Jornalista responsável: Aldo Moraes
Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony
Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>
<https://www.facebook.com/>

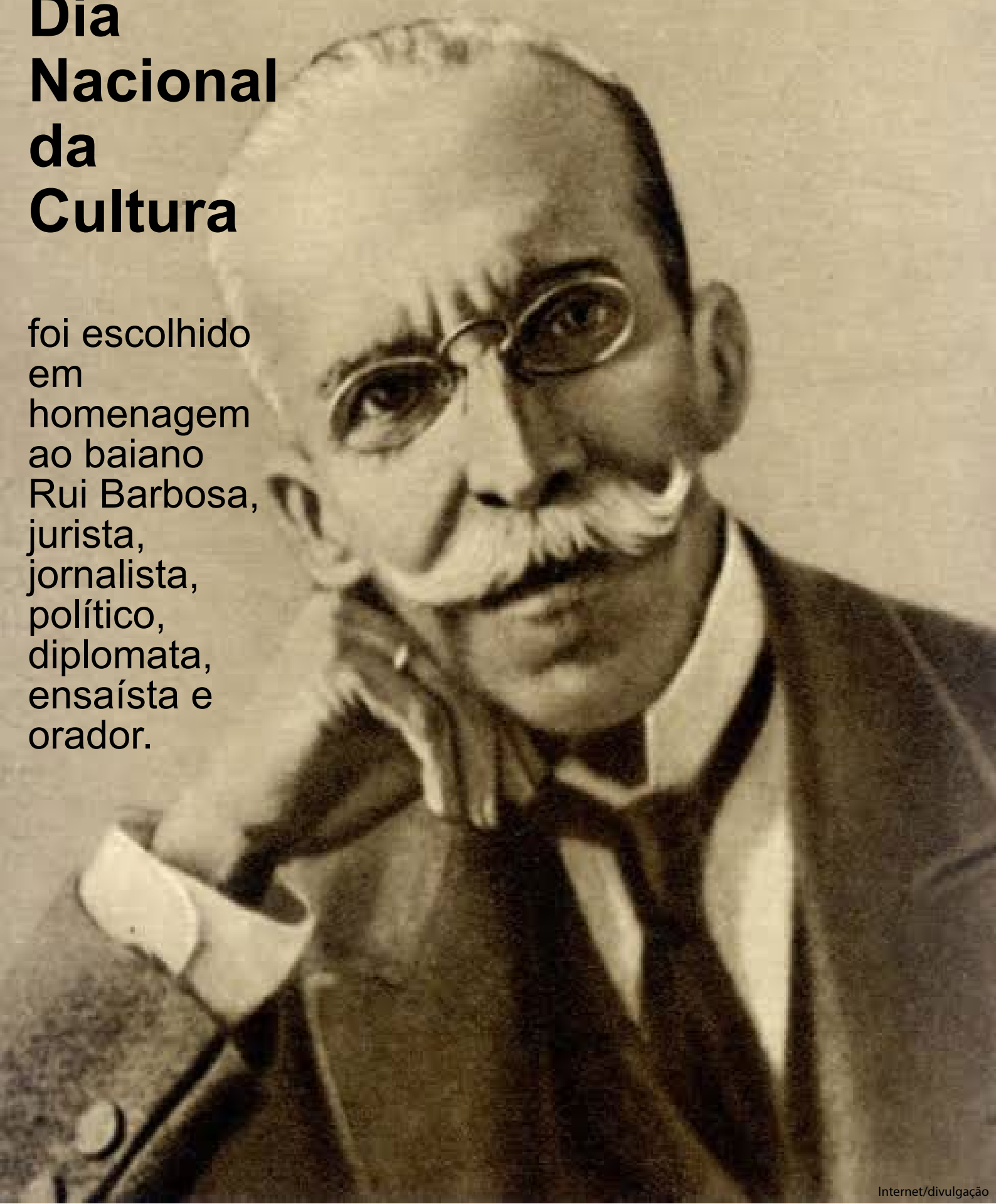
A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://revistadarte.com/>

O dia 5 de novembro

Dia Nacional da Cultura

foi escolhido
em
homenagem
ao baiano
Rui Barbosa,
jurista,
jornalista,
político,
diplomata,
ensaísta e
orador.





Margareth Menezes/Divulgação

Dia Nacional da Cultura:

Em pronunciamento nacional, ministra Margareth Menezes destaca os investimentos históricos feitos no setor

Em pronunciamento oficial em rede nacional, nesta segunda (4), a ministra da Cultura, Margareth Menezes, saudou todas as fazedoras e fazedores de cultura do país, por ocasião do Dia Nacional da Cultura, comemorado nesta terça-feira, 5 de novembro. A data faz referência ao dia de nascimento do baiano Rui Barbosa, jurista, jornalista, político, diplomata, ensaísta e orador.

No discurso, a ministra destacou a importância da cultura como vetor de desenvolvimento socioeconômico do Brasil ao gerar emprego e renda. A economia criativa é responsável por empregar mais de 7,5 milhões de pessoas e contribuir com mais de 3% do Produto Interno Bruto (PIB).

Margareth também celebrou a diversidade cultural brasileira e a quantidade de recursos injetados no setor, o maior da história. Os investimentos com a Lei Paulo Gustavo (LPG), repassando R\$ 3,8 bilhões aos municípios brasileiros, e a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), que irá garantir R\$ 15 bilhões até 2027, foram destacados pela ministra, assim como o financiamento de mais de 60 mil projetos culturais pela Lei Rouanet.

Com relação às políticas públicas para o setor, a ministra deu destaque para a retomada do Ministério da Cultura (MinC), no início do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A cultura foi incluída no Novo PAC e foram realizadas novas linhas especiais de patrocínio: nas periferias, na região norte e nos territórios criativos.

A soma de todos esses recursos alavanca os números da economia e fortalece outros segmentos como moradia, transporte, entretenimento, segurança e outros serviços públicos.

A ministra ressaltou ainda os investimentos em mais de R\$ 2 bilhões em recursos para recuperar, fortalecer e modernizar a indústria do audiovisual, além de reafirmar o compromisso do Ministério da Cultura com a reconstrução do Rio Grande do Sul. O MinC investiu R\$ 60 milhões em iniciativas culturais na região.

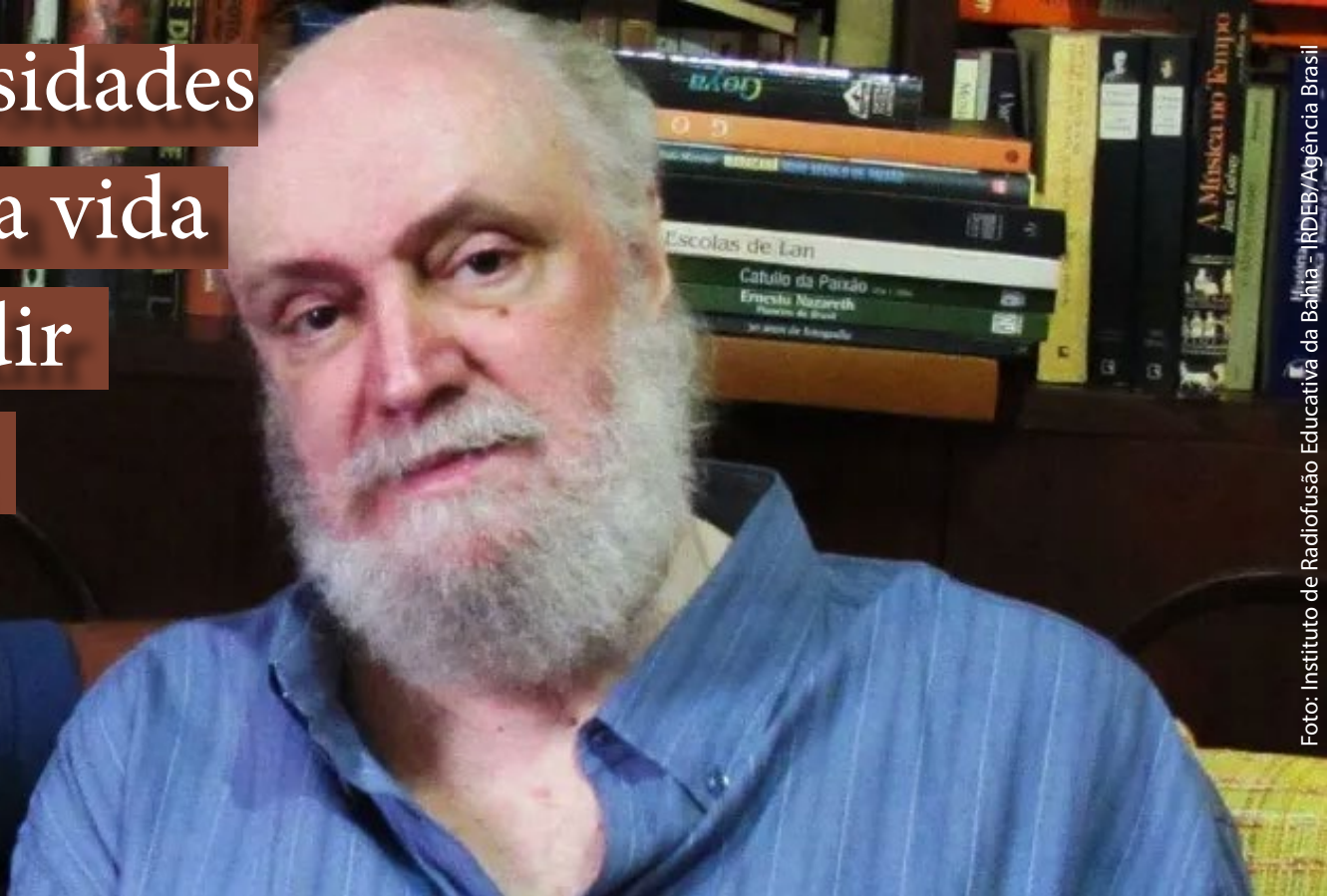
Com a regulamentação do Sistema Nacional de Cultura, o SUS da cultura, a ministra Margareth Menezes reiterou a forma de trabalhar da Pasta, com transparência e participação, qualificação e valorização do setor. “Estamos cumprindo a missão do governo do presidente Lula, que é garantir ao povo brasileiro o direito à cultura”, disse.

Confira a íntegra do pronunciamento da ministra da Cultura:

<https://youtu.be/6v3NhMYWCsU>

<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/dia-nacional-da-cultura-em-pronunciamento-nacional-ministra-margareth-menezes-destaca-os-investimentos-historicos-feitos-no-setor>

Curiosidades sobre a vida de Aldir Blanc



<https://novabrasilfm.com.br/musica/curiosidades-sobre-a-vida-de-aldir-blanc-o-compositor-que-deu-voz-ao-brasil>

O compositor que deu voz ao Brasil
Da medicina à música, a trajetória de um dos maiores nomes da MPB e suas histórias de vida marcantes

Clarissa Sayumi - 07.11.2024 - 16:09

Aldir Blanc, um dos mais icônicos compositores da música brasileira, deixou um legado imensurável através de suas letras poéticas e engajadas. Ele se tornou um dos compositores mais aclamados da Música Popular Brasileira, conhecido não só por letras densas e emocionantes, mas por seu jeito peculiar e suas histórias de vida marcantes. Abandonou a medicina para seguir a paixão pela música e pela escrita. Aqui, relembremos algumas curiosidades e momentos marcantes do compositor que deu voz ao Brasil com suas letras atemporais.

Formação e carreira

Médico por formação: Aldir estudou medicina por sete anos, especializando-se em psiquiatria, mas abandonou a profissão para se dedicar à música e à escrita. Ele trabalhou em um hospital psiquiátrico, onde se deparou com as realidades difíceis da saúde mental, o que influenciou suas letras.

eletrochoque e resolveu sair e abrir seu próprio consultório.

Compositor de clássicos: Ele é autor de canções icônicas da Música Popular Brasileira, como “O Bêbado e a Equilibrista” e “Mestre-Sala dos Mares”, que se tornaram marcos na cultura brasileira. Elis Regina regravou muitas de suas músicas em parceria com João Bosco.

Vida pessoal

Traumas pessoais: A morte de suas filhas gêmeas, Maria e Alexandra, em 1974, foi um ponto de virada em sua vida. Este trauma profundo o levou a se afastar da medicina e a se dedicar exclusivamente à música. Para ele, se não pôde fazer nada por elas, não valia a pena continuar na profissão.

Reclusão: Aldir enfrentou fobias e uma necessidade crescente de reclusão ao longo dos anos, o que dificultou suas apresentações ao vivo. Ele preferia receber amigos em casa, cercado por livros e música.

Blanc se recusava de participar das sessões de

Aldir Blanc sofreu um grave acidente de carro em

1991, que teve um impacto significativo em sua vida. Este acidente resultou em sérias lesões na perna esquerda, quase a deixando sem movimento, o que alterou drasticamente sua mobilidade e qualidade de vida. A partir desse evento, andar na rua tornou-se uma atividade perigosa e desafiadora para ele, contribuindo para um aumento em suas fobias e sua necessidade de reclusão.

Além do acidente, Aldir também enfrentou outros problemas de saúde ao longo da vida, incluindo diabetes tipo 2, diagnosticada pouco antes da Copa do Mundo de 2010. Essa condição exigiu mudanças drásticas em sua dieta, incluindo a abstinência de álcool, o que limitou ainda mais suas interações sociais e seu estilo de vida boêmio.

Influências e estilo

Influência literária: Aldir tinha uma forte ligação com a literatura desde a infância, influenciado por seu avô materno. Ele começou a escrever crônicas para jornais antes de se firmar como letrista.



João Bosco - Internet/Divulgação

Parceria com João Bosco: Sua colaboração com o músico João Bosco resultou em uma série de músicas memoráveis. A parceria começou quando um amigo em comum os apresentou, levando à criação de várias canções que se tornaram clássicos, como “Dois Pra Lá, Dois Pra Cá” e “Mestre-Sala dos Mares”.

Outras curiosidades

Personalidade Única: Descrito como “absolutamente normal”, Aldir tinha um estilo pessoal marcante, com barba longa e cabelos rebeldes. Seus amigos o consideravam um personagem digno de quadrinhos.

Biblioteca pessoal: Era um ávido leitor e possuía uma vasta coleção de mais de 15 mil livros, refletindo sua paixão pela literatura.

Cultura carioca: Aldir sempre teve uma forte conexão com a cultura carioca, preferindo os botequins da zona norte do Rio às festas da zona sul. Isso se refletiu em suas letras, que frequentemente retratavam a vida

suburbana.



Aldir Blanc/Internet/Divulgação

Samba e futebol

Outra curiosidade sobre Aldir Blanc é sua paixão pelo futebol e pelo time Vasco da Gama. Ele era um torcedor fervoroso e costumava expressar seu amor pelo clube em suas letras e conversas informais.

Além disso, Blanc tinha uma forte conexão com a cultura do samba e era um grande admirador da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, que também influenciou sua obra.

Histórias por trás das composições

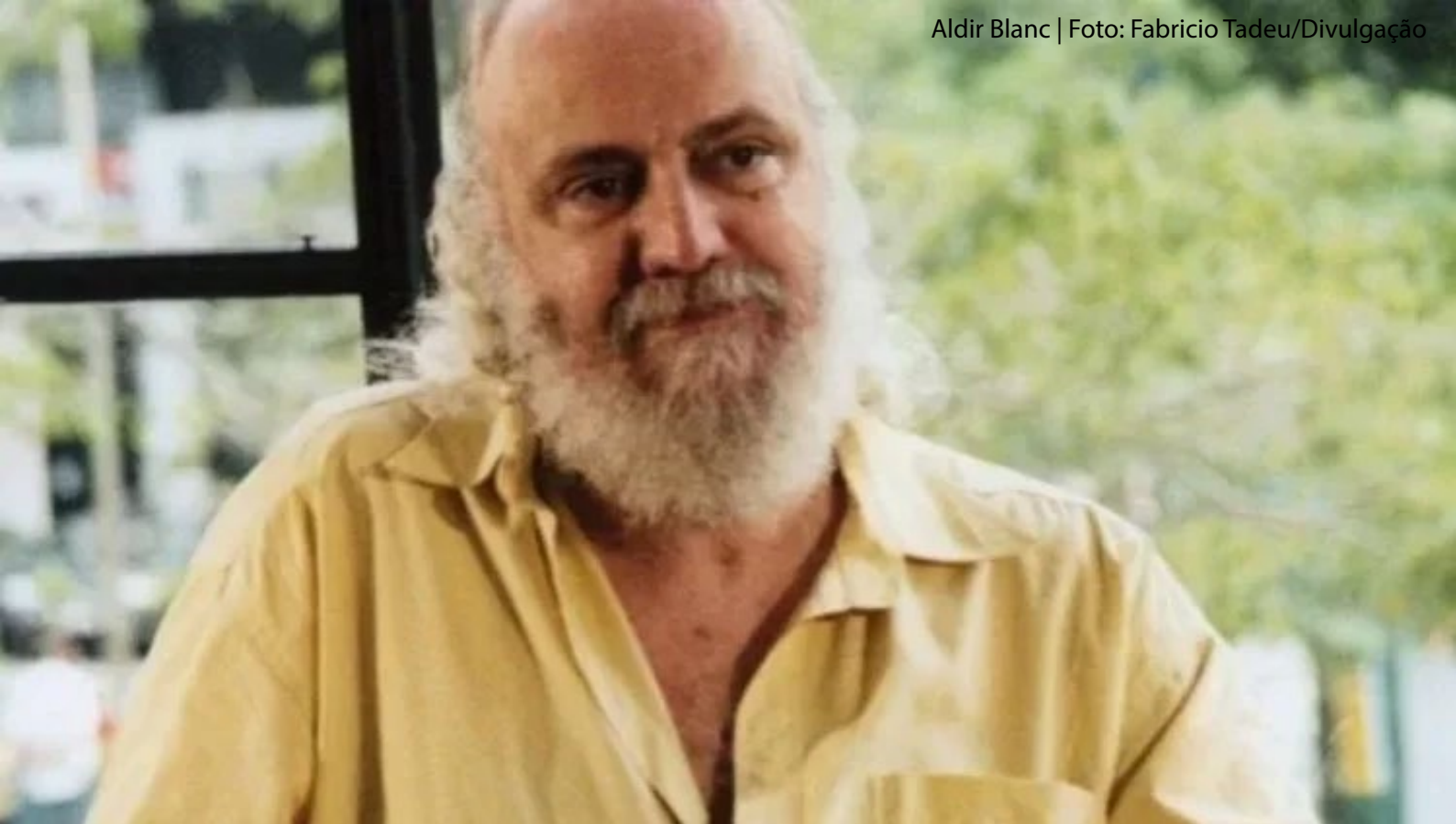
“O Bêbado e a Equilibrista”

Uma das composições mais emblemáticas de Aldir Blanc é “O Bêbado e a Equilibrista”, feita em parceria com João Bosco. A canção, lançada por Elis Regina em 1979, tornou-se um hino informal da anistia no Brasil.

Aldir revelou que a ideia inicial da música surgiu como uma homenagem ao cineasta Charles Chaplin, mas evoluiu para abordar a condição dos exilados políticos.

A letra reflete a realidade social e política do país durante a ditadura militar, mencionando figuras importantes que foram assassinados pela repressão. No verso “choram Marias e Clarisses”, menciona Maria, esposa de Manuel Fiel Filho, e Clarisse, viúva do jornalista Vladimir Herzog — ambos mortos nos porões da repressão.

A expressão “a volta do irmão do Henfil” alude ao sociólogo Betinho, exilado desde 1971, cujo retorno ao Brasil foi celebrado como símbolo de esperança. Outro



verso icônico, “caía a tarde feito um viaduto”, remete ao desastre do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, onde o viaduto desabou, matando e ferindo dezenas de pessoas em 1971.

A canção foi gravada por Elis Regina em 1979 no álbum “Essa mulher”, coincidindo com a fase final da ditadura e a aprovação da Lei da Anistia, que permitiu o retorno de muitos exilados políticos ao país. Quando Elis mostrou a música a Henfil, ele teria exclamado que agora tinham um “hino”, símbolo de resistência que poderia ajudar na luta contra o regime.

A música foi tocada nas ruas e no Aeroporto de Congonhas para recepcionar os exilados, incluindo Betinho.

Humor e ironia

Além de composições densas, Aldir Blanc era conhecido por seu humor ácido. Em “Mestre-Sala dos Mares”, escrita em parceria com João Bosco, Aldir presta homenagem a João Cândido, o “Almirante Negro” que liderou a Revolta da Chibata em 1910.

Mas não sem ironia: para driblar a censura, ele usou metáforas para descrever a luta do marinheiro contra as injustiças sociais. A letra original falava em “navegar nas águas negras do mar” para homenagear o personagem, mas a censura da época obrigou-o a substituir por “águas mansas”, uma adaptação que ironicamente evidenciava o contraste entre a história real e o que era permitido contar.

Um ateu convicto e suas complexas canções sobre fé


Aldir se declarava ateu, mas explorava a espiritualidade de forma única. Em canções como “O Rancho da Goiabada”, que escreveu com João Bosco, ele trata de temas como a vida e a morte em um misto de religiosidade popular e crítica social.

A música, recheada de simbolismos sobre o sofrimento do povo brasileiro, demonstra como Aldir abordava a fé e a esperança com um olhar crítico, sem perder o afeto pelas tradições e pela cultura popular.

3 anos sem Aldir Blanc

Aldir Blanc faleceu em maio de 2020, vítima do Coronavírus, aos 73 anos de idade, mas seu legado continua vivo nas canções que tocaram o coração de gerações. Suas letras permanecem relevantes e se conectam com aqueles que buscam entender a complexidade da experiência humana no Brasil.





Cientistas decifram incrível arte rupestre da Amazônia da Era Glacial

<https://olhardigital.com.br/2024/11/12/ciencia-e-espaco/cientistas-decifram-incrivel-arte-rupestre-da-amazonia-da-era-glacial/>

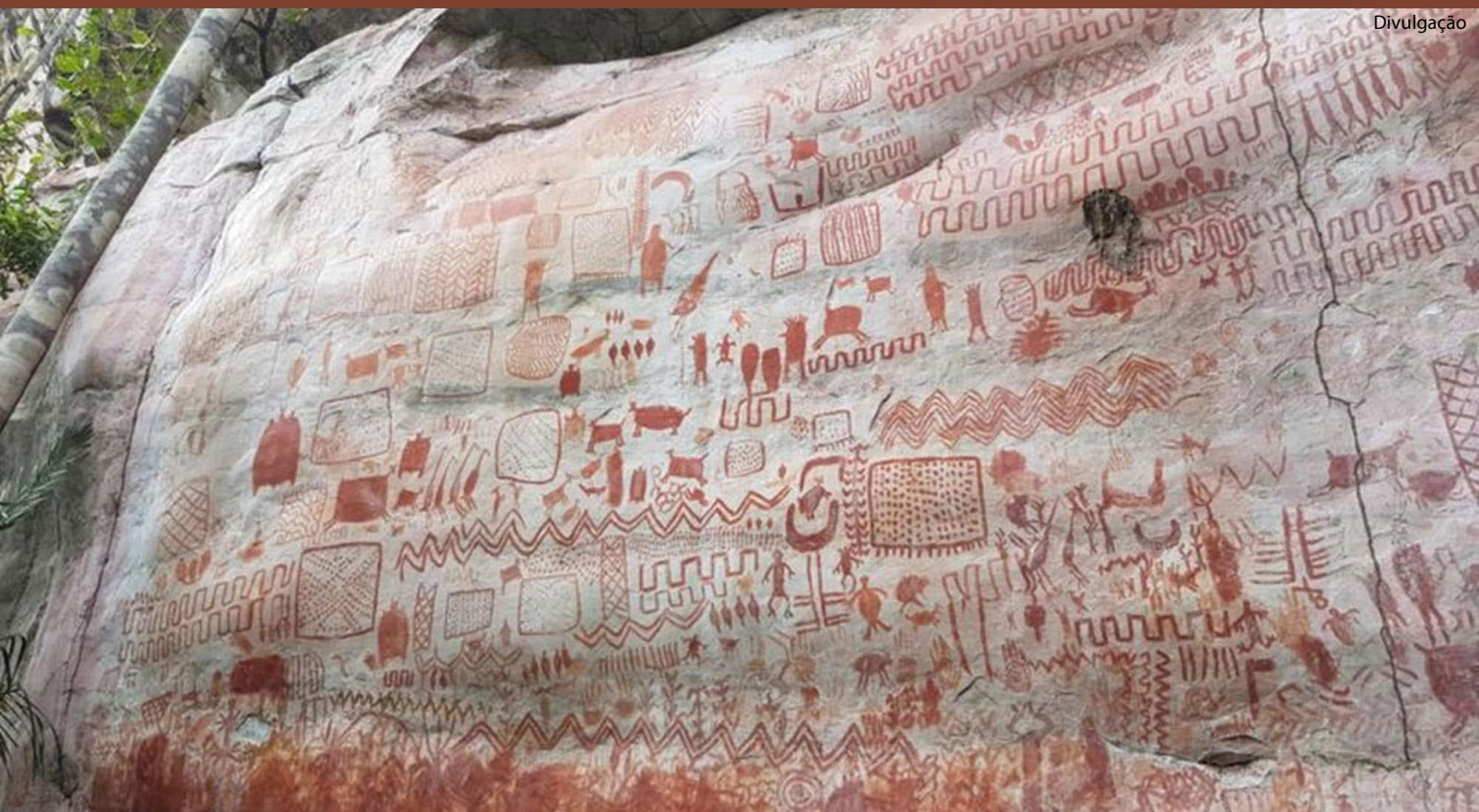
Serranía de la Lindosa reproduz dezenas de milhares de ilustrações de humanos, animais e seres mitológicos, todos pintados em ocre vermelho

Rodrigo Mozelli 12/11/2024 18h33



Uma arte rupestre encontrada na Amazônia colombiana e em perfeito estado era um mistério para os pesquisadores. Agora, ao lado de anciãos indígenas, eles conseguiram compreender seu significado. As obras de arte estonteantes foram desenhadas em um afloramento de arenito, com 19 km de extensão. Ele é conhecido como Serranía de la Lindosa e reproduz dezenas de

milhares de ilustrações de humanos, animais e seres mitológicos, todos pintados em ocre vermelho. Os estudiosos pensam que as imagens mais antigas, que se encontram em Guaviare (Colômbia), têm mais de 11 mil anos. Contudo, a presença de grupos paramilitares na região impediu que o local fosse descoberto, algo ocorrido em 2016, segundo o IFLScience.



"Transformações teriantrópicas" aparecem com frequência na arte rupestre (Imagem: Universidade de Exeter)



Indígenas locais auxiliaram a decifrar pinturas (Imagem: Universidade de Exeter)

Como a história contada pela arte rupestre foi decifrada?

De 2018 até agora, os pesquisadores tentaram descobrir o significado e a importância das pinturas;

Para isso, eles foram auxiliados por anciãos indígenas das comunidades locais Tukano, Desana, Matapí, Nukak e Jiw;

A colaboração foi crucial para que os especialistas entendessem o que a valiosa arte rupestre conta;

Em resumo, ela faz alusão a uma dimensão espiritual oculta que os xamãs são capazes de navegar ao se transformarem em animais. Em declaração, Jamie Hampson, professor e autor do estudo, explicou melhor o significado das imagens. “Descendentes indígenas dos artistas originais nos explicaram, recentemente, que os motivos da arte rupestre aqui não simplesmente ‘refletem’ o que os artistas viram no mundo ‘real’. Eles também codificam e manifestam informações críticas sobre como comunidades indígenas animistas e perspectivistas construíram, se envolveram e perpetuaram seus mundos ritualizados e socioculturais.”

Ou seja, como foi explicado por Ulderico, especialista em rituais Matapí, aos pesquisadores, para entender o que as

imagens significam, “você tem que olhar [os motivos] do ponto de vista xamânico”.

Os autores pontuam que a cosmologia indígena amazônica se baseia em conceito chamado pelos antropólogos de Novo Animismo, no qual “o corpo físico de cada ser vivo pode ser imaginado como uma ‘capa externa’ (ou ‘roupa’) escondendo sua forma humana”.

Para conseguirem interagir com a verdadeira essência de outros seres, os xamãs, ritualisticamente, se desfazem de suas coberturas superficiais e entram em reino espiritual, no qual os limites entre as espécies são extintos.

Por exemplo: os xamãs costumam ser conceituados em forma de onça, enquanto navegam nessa dimensão sobrenatural. Nela, podem acessar o conhecimento e o poder espiritual que o animal no qual é conceituado esconde sob seu exterior físico. “A palavra Desana yee, por exemplo, significa tanto onça quanto xamã – e há inúmeros exemplos etnográficos na Amazônia de especialistas em rituais se transformando em onças”, explicaram os pesquisadores.

“Argumentamos que a arte rupestre aqui está conectada a especialistas rituais negociando reinos espirituais, transformação somática e a interdigitação de mundos humanos e não humanos”, prosseguiram.

Tal interpretação é apoiada pela vasta quantidade de cenas vistas na arte rupestre retratando transformações teriantrópicas, por meio das quais os humanos são dotados de características de animais, como se transformassem em cobras, onças, pássaros, etc.

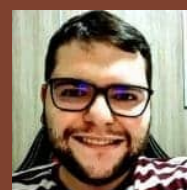
“Os falantes de Tukano, Desana, Matapí, Jiw e Nukak que nos acompanharam aos sítios de arte rupestre destacaram essas imagens, discutindo a transformação fluida entre os estados animal e humano”, disseram os autores.

Segundo Hampson, a colaboração marca “a primeira vez que as opiniões dos anciãos indígenas sobre a arte rupestre de seus ancestrais foram totalmente incorporadas à pesquisa nesta parte da Amazônia”. “Ao fazer isso, isso nos permite não simplesmente olhar para a arte da perspectiva de um estranho e adivinhar. Isso nos permite entender que essa é uma arte sagrada e ritualística, criada dentro da estrutura de cosmologia animista, em lugares sagrados na paisagem. Também enfatiza como os sistemas de crenças e mitos indígenas precisam ser levados a sério”, concluiu.

O estudo foi publicado na Arts.



Divulgação



Rodrigo Mozelli é jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e, atualmente, é redator do Olhar Digital.

MATIZAR FILMES
apresenta


BIG SCREEN
COMPETITION
INTERNATIONAL
FILM FESTIVAL
ROTTERDAM
2024


Competition Official



RETRATO DE UM CERTO ORIENTE

um filme de
MARCELO GOMES

uma coprodução Ítalo-Brasileira

com Wafa'a Celine Halawi, Charbel Kamel, Zakaria Kaakour, Eros Galbiati e Rosa Peixoto produção Mariana Ferraz, Ernesto Soto Canny e Guilherme Cezar Coelho coprodução Ellane Ferreira, Fabiano Gullane, Caio Gullane, André Novis, Simone Gattoni e Patrick Carrarin produção associada Sabine Sidawi, Tatiana Leite, Emmanuelle Déprats e Maria Camargo produção executiva Mariana Ferraz, Ernesto Soto Canny, Ellane Ferreira, Mauro Pizzo e Patrick Carrarin roteiro Marcelo Gomes, Maria Camargo e Gustavo Campos fotografia Pierre de Kerchove supervisão internacional Manuela Mandler e Laura Rossi 1ª assistente de direção Maria Clara Escobar montagem Karen Harley direção de arte Marcos Pedroso e Caterina Pepe figurino Rô Nascimento, Maria Diaz e Fabio Cicolani som direto Moabe Filho, Pedrinho Moreira, Giacomo Vitiello e Antonio Casparriello caracterização Mari Pin, Sonia Penna, Antonio Esposito e Giuseppina Ummaro pós-produção de som Fernando Aranha, Bruno Armelin, Bernardo Adeodato e Cristiano Sherer música original Mateus Alves, Piero Bianchi e Sami Bordokan pós-produção de imagem Cladestino

produção MATIZARFILMES

coprodução

VAVO

Gullane

MISTI FILMES

produção associada

BRDE

fsa

ancine

VIDEOFILMES

produção

RIOFILME

Rio

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

patrocínio

BNDES

Banco Safra

CBMM

Itaú

IBER

BRDE

fsa

ancine

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

GOV. RJ

Obra desenvolvida com apoio do Programa de Cooperação entre a Agência Nacional de Cinema - ANCINE, do Brasil, e o Ministério da Cultura da Itália.

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA



Divulgação

Baseado no livro de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* aborda uma paixão turbulenta na Amazônia dos anos 40, entre uma católica e um mulçumano. É uma celebração da mistura cultural nos trópicos. Mas poderia um filme pecar por excesso de exuberância?

Poéticas por José Geraldo Couto

Marcelo Gomes diz que decidiu filmar o romance *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, justamente por considerá-lo “infilável”. O resultado desse desafio é o longa-metragem *Retrato de um certo Oriente*, em cartaz nos cinemas.

A primeira providência foi a elaboração de um roteiro (em parceria com Maria Camargo

e Gustavo Campos) que desbastasse a complexidade da narrativa original procurando não perder a sua essência. Um texto formado por várias vozes e pontos de vista, abarcando quase um século de acontecimentos, foi reduzido a um relato linear em terceira pessoa, por um narrador onipresente (a câmera), cobrindo apenas alguns meses ou anos.

Depuração estética

Uma operação semelhante de simplificação e depuração foi feita no plano visual: o preto e branco é uma espécie de síntese que permite algum controle sobre a exuberância do que é mostrado, em especial a selva amazônica – além de esconder eventuais sinais de anacronismo. Esta última preocupação explica também as poucas cenas ambientadas em Manaus (ao contrário do livro), que exigiriam um enorme esforço de reconstituição de época.

O cerne da história é o que fica no filme: no final dos anos 1940 dois irmãos libaneses, Emilie (Wafa'a Celine Halawi) e Emir (Zakaria Kaakour), fogem da conturbação político-religiosa em seu país numa viagem de navio para o Brasil. Durante a longa travessia, a católica Emilie se apaixona por um comerciante muçulmano, Omar (Charbel Kamel), despertando a ira do irmão, em que se misturam o ciúme e o ódio religioso. Afinal, foram assaltantes muçulmanos que mataram seus pais.

A narrativa se concentrará, então, nesse triângulo dramático e sua adaptação a uma geografia e uma cultura desconhecidas e desafiadoras.

Celebração da mistura

A grande qualidade do filme, a meu ver, está na observação dos contrastes culturais e, mais que isso, na celebração da mistura e da troca entre experiências humanas inicialmente distantes. Esse, aliás, é um tema caro a Marcelo Gomes, conforme vimos em Cinema, aspirinas e urubus e Joaquim, entre outros.

A confluência de culturas é anunciada logo nos primeiros planos do filme: imagens e

ruídos da floresta amazônica sob o som de uma música inequivocamente árabe. Depois, no porto de Beirute e na travessia atlântica, ouvimos em inúmeras línguas os mais diversos relatos biográficos de palestinos, franceses, poloneses, italianos, judeus, alemães, todos buscando um novo lugar para viver. O mundo é uma algaravia – palavra, aliás, de origem árabe.

Uma das cenas mais bonitas do filme é aquela em que, na “gaiola” que levará os recém-chegados de Belém a Manaus, uma moça indígena, Anastácia (Rosa Peixoto), ensina a Emilie como armar sua rede de dormir. No sorriso de Anastácia cabe o Brasil inteiro, ou pelo menos o que ele tem de melhor, de mais puro, amoroso e vital. É toda uma utopia de país expressa num par de gestos.

Contemplação e emoção

Dito isso, há que reconhecer que a extrema preocupação estética talvez acabe por abrandar a contundência dramática do filme. A precisão dos enquadramentos, o controle absoluto da luz na magnífica fotografia (de Pierre de Kerchove), o trabalho minucioso de som, tudo isso como que distrai a atenção do espectador, induzindo mais à contemplação do que à emoção.

RETRATO DE UM CERTO ORIENTE



YouTube

[Assistir o trailer](#)

Ocorre então um paradoxo: narra-se uma tragédia turbulenta, animada por paixões violentas, num ambiente telúrico por excelência, mas com uma certa frieza, uma certa assepsia, como se Marcelo Gomes tivesse pudor em chafurdar no drama humano de seus personagens – ao contrário do que fez Sérgio Machado em *O rio do desejo*, também inspirado na literatura de Milton Hatoum.

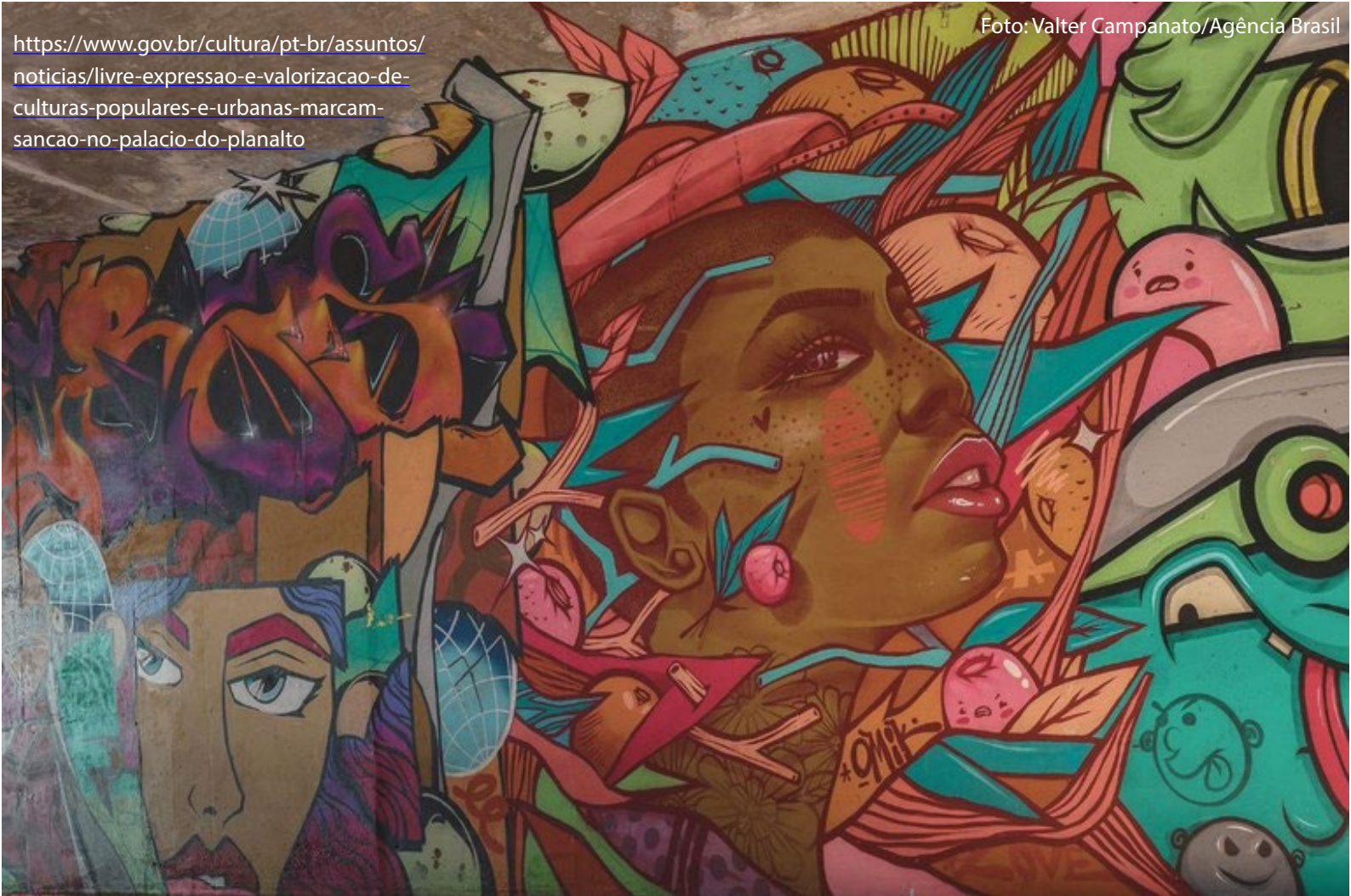
É uma opção estética (e ética) que merece todo respeito e admiração. Sem contar que a recepção de uma obra é sempre subjetiva: aquilo que não me emociona pode

emocionar outros espectadores, talvez até a maioria.

Retrato de um certo Oriente acaba de ganhar os prêmios de melhor filme, roteiro e fotografia no festival de Huelva, na Espanha. Não é pouca coisa.

Tags

amazônia, cinema nacional, literatura brasileira, Marcelo Gomes, Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente*



Charges, grafites e cartuns são reconhecidas como manifestações da cultura brasileira

Charges são ilustrações humorísticas que satirizam acontecimentos atuais por meio de caricaturas, enquanto os cartuns ironizam comportamentos em quadros ilustrados, normalmente publicados em jornais. Ao lado das caricaturas, cartuns e grafite, as expressões foram reconhecidas manifestações da cultura brasileira em ato realizado na tarde desta terça-feira (15), no Palácio do Planalto.

A sanção do Projeto de Lei (PL 24/2020), assinada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, garante direito à livre expressão artística, reforça a valorização e preservação dessas importantes formas de arte.

A caricatura utiliza traços exagerados para retratar pessoas ou situações de forma extravagante e cômica. Já o grafite, expressão emblemática da arte urbana, transforma espaços públicos em veículos de crítica social e resistência. O PL é de autoria da deputada Benedita da Silva e teve relatoria da deputada Maria do Rosário.

“Essa Lei nos trouxe a oportunidade de fazer com que esses nossos artistas, homens e mulheres, que pouco são conhecidos sejam reconhecidos. Não é um rabisco! É uma arte! Então, essa é uma história que precisa ser reconhecida e retratada, e nós temos a certeza que esse é o grande momento de fazê-lo. Nós temos uma riqueza imensa com os nossos cartunistas e grafiteiros que traduzem sentimentos em arte”, declarou a deputada Benedita da Silva.

Segundo Márcia Rollemberg, secretária de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC) do Ministério da Cultura (MinC),

“as linguagens artísticas ampliam nossa percepção, aguçam nossa sensibilidade e nos humanizam. O humor é um dos ativos mais ricos para transformar a vida e trazer alegria”, disse. Para Tião Soares, diretor de Promoção das Culturas Populares do Ministério da Cultura (MinC), as charges, cartuns e caricaturas como expressões artísticas dialogam diretamente com a realidade do povo brasileiro.

“As charges, cartuns e caricaturas são expressões artísticas que traduzem a vivência e a vida cotidiana do povo brasileiro. Elas não apenas refletem a realidade social, política e cultural do país, mas também se tornam ferramentas poderosas de crítica e resistência. Por meio do humor e da ironia, essas manifestações revelam a complexidade da identidade nacional, promovendo a reflexão e o debate sobre questões relevantes sobre as culturas tradicionais e populares, afirmou.

Karina Miranda da Gama, diretora de Promoção da Diversidade Cultural da SCDC do MinC, celebrou a conquista e destacou a potência do grafite como arte transformadora.

“O grafite é uma manifestação poderosa que democratiza o acesso à arte, transformando espaços públicos em plataformas de resistência e expressão. Ao ocupar os muros da cidade, ele dá voz às múltiplas identidades que compõem nossa sociedade, valorizando a diversidade cultural e conectando comunidades. Mais do que uma arte visual, o grafite é uma ferramenta de transformação social que afirma o direito de todos a se expressarem e ocuparem o espaço urbano, refletindo a importância das vozes diversas em nossa cultura”, concluiu.

Entenda a diferença entre apropriação cultural e apreciação cultural

A apropriação cultural utiliza símbolos de grupos marginalizados de forma distorcida, enquanto a apreciação honra a cultura original

Por Felipe Ruffino
Felipe Ruffino é jornalista, pós-graduado em Assessoria de Imprensa e Gestão da Comunicação, possui a agência Ruffino Assessoria e ativista racial, onde aborda pautas relacionadas à comunidade negra em suas redes sociais @ruffinoficial.

Foto: Reprodução



A apropriação cultural ocorre quando elementos de uma cultura são usados por pessoas de outra cultura, frequentemente de maneira descontextualizada ou sem o devido respeito.

Muitas vezes, grupos historicamente marginalizados veem seus símbolos, tradições e expressões artísticas apropriados por pessoas de grupos dominantes, que os utilizam como moda ou tendência. Isso se torna ofensivo quando, ao adotar esses elementos, a cultura original é desrespeitada ou os significados são distorcidos, transformando símbolos de resistência e identidade em meros adereços.

A apropriação se torna especialmente prejudicial quando exclui ou marginaliza as pessoas que pertencem a essas culturas. Por exemplo, estilos de cabelo, vestimentas ou músicas tradicionalmente associadas à cultura negra podem ser criticados quando

usados por pessoas negras, mas considerados “estilos” ou “exóticos” quando adotados por pessoas brancas. Isso reforça desigualdades e preconceitos raciais, perpetuando a exclusão.

Em contraste, a apreciação cultural envolve um esforço consciente para entender e honrar a cultura original. Participar de eventos culturais com respeito, aprender sobre a história e as lutas por trás dos elementos culturais, e apoiar criadores e artistas autênticos são formas de apreciação que promovem respeito e solidariedade. É importante sempre questionar a própria posição de privilégio e refletir sobre como apoiar essas culturas, em vez de se apropriar delas.

Ao entender a diferença entre apropriação e apreciação, é possível criar um espaço mais inclusivo e respeitoso, no qual a diversidade cultural seja celebrada sem desrespeitar ou silenciar as vozes que compõem essas culturas.

Grupo de Teatro da Poli apresenta peças que refletem sobre a ditadura militar



Cena da peça Lembrar É Resistir: a arte como forma de representar a realidade brutal da ditadura militar brasileira – Foto: Mateus Tosatti

Com quase 80 anos de história, o grupo coloca em cartaz Bailei na Curva e Lembrar É Resistir

<https://jornal.usp.br/cultura/grupo-de-teatro-da-poli-apresenta-pecas-que-refletem-sobre-a-ditadura-militar/>

Publicado: 26/11/2024 às 18:29

Texto: Mirela Costa

Arte: Simone Gomes

Prestes a completar 80 anos de atividades, o Grupo de Teatro da Poli (GTP) – fundado em 1945 por estudantes de engenharia da USP – apresenta duas peças, que estão em cartaz no Prédio do Biênio da Escola Politécnica da USP: Bailei na Curva, já exibida em 2011, e a inédita Lembrar É Resistir.

Néia Barbosa, diretora do GTP, conta que ambos os espetáculos retratam o contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985). “Escolhemos a arte como forma de representar essa realidade brutal enfrentada pelo País”, afirma.

Em Bailei na Curva, a plateia se depara com a trajetória de sete amigos, vizinhos da mesma rua, em abril de 1964. Da infância à vida adulta, eles convivem com os efeitos de terem vivenciado um golpe militar que impactou os sonhos e a esperança de uma geração. Escrita em meados dos anos 1980 por Julio Conte, a peça se mantém atual e relevante por retratar para o público jovem e universitário a convivência em meio à ditadura militar brasileira. Néia Barbosa, que também é diretora do espetáculo, reitera a importância da obra para as novas gerações. “Em vez de ter medo de tocar na ferida, a juventude de hoje precisa entender essa realidade”, diz.



Foto: Néia Barbosa, diretora do GTP

A diretora também comanda a montagem e a produção de Lembrar É Resistir, escrita por Analy Alvarez e Izaías Almada. Ao abordar as torturas e punições praticadas contra perseguidos políticos durante o período militar, a peça discute o desrespeito aos direitos humanos e a intolerância na sociedade brasileira.

As próximas sessões de Bailei na Curva acontecerão nesta sexta-feira, dia 29, e nos dias 3, 7 e 10 de dezembro. Já Lembrar É Resistir será apresentada nos dias 2, 6, 9 e 14 de dezembro. A entrada é grátis.

Tradição artística na Poli

A montagem das duas peças reforça a trajetória crítica do GTP, que, desde a sua fundação, em 1945, reúne alunos politécnicos e demais participantes em apresentações teatrais, reuniões de estudo dramático e ensaios. “São momentos em que nos sentimos em família”, afirma o estudante Caíque Pachá, aluno do terceiro ano da Escola Politécnica da USP, descrevendo sua experiência no Grupo de Teatro da Poli. Atualmente, o grupo conta com mais de 30 integrantes, que se dividem em diferentes núcleos de pesquisa teatral.

“A intenção não é profissionalizar engenheiros na área teatral, mas sim instrumentalizá-los e humanizá-los”, comenta Néia sobre os objetivos do GTP. Foi sobre esse princípio que o grupo foi criado: em meados dos anos 1940, as universidades brasileiras costumavam ser ambientes fundamentalmente técnicos e acadêmicos, sem muitas atividades extracurriculares ou organizações estudantis. A única entidade formada por alunos na Escola Politécnica até então era o Grêmio Politécnico.

Na década de 1940, o Grêmio planejava a construção da Casa do Politécnico, instalação próxima à antiga unidade da Poli, então localizada no centro de São Paulo, que abrigaria estudantes da faculdade a baixo custo. A fim de angariar fundos para a casa que, mais tarde, seria chamada de Cadopô, os alunos promoveram mobilizações como bailes beneficentes e doações. Um desses alunos, o mineiro fascinado por dramaturgia João Ernesto Coelho Neto, já formado em Engenharia Civil, sugeriu a arrecadação de verba por meio de apresentações teatrais. Ele dava início assim a um dos primeiros grupos de teatro universitário do Brasil.

Coelho Neto liderou a organização até 1954, participando tanto da direção das peças como da atuação sobre os palcos. Em outubro de 1953, na comemoração do 50º aniversário do Grêmio Politécnico, o grupo encenou O Doente Imaginário, em que Coelho Neto se destacou na interpretação da personagem principal.



“Bailei na Curva” retrata a convivência entre jovens durante o regime militar - Foto: Cesar H. Orellana Vargas

Durante a ditadura militar

No decorrer dos chamados “anos de chumbo” que sucederam o golpe cívico-militar de 1964, a intensa repressão e perseguição política que assolaram o País também restringiram as atividades do Grupo de Teatro da Poli, que então ganhava cada vez mais adesão e reconhecimento no meio universitário. O jornalista Luiz Roberto Serrano, atual coordenador editorial do Jornal da USP, integrou o GTP entre 1968 e 1970. Ele destaca o grupo como um espaço de resistência contra o regime. “Entre discussões políticas e passeatas, a participação no GTP abriu a minha cabeça para o pensar social, econômico e cultural do Brasil”, relembra Serrano, que logo deixaria a Poli e acabaria se formando em Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

Serrano ainda aponta a atuação no GTP como um fator de formação para além do curso de Engenharia, já que, segundo ele, o grupo oferece uma “perspectiva humana fantástica” aos seus membros. O jornalista conta um episódio marcante durante sua passagem no grupo: em 1968, após a invasão da peça Roda Viva, no Teatro Ruth Escobar, pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC), os integrantes do GTP foram chamados para ajudar na segurança do espetáculo nos três dias seguintes. Serrano foi um dos “seguranças” da peça.

Ainda em 1968, os integrantes do grupo escreveram e encenaram a peça A Caça, da qual Serrano participou como ator. O espetáculo foi apresentado uma única vez no Teatro João Caetano e, em seguida, foi censurado pela ditadura militar. Em 1969, os participantes do GTP formaram a chapa GAL 70 (Grêmio aos Alunos), que ganhou as eleições do

Grêmio Politécnico naquele mesmo ano. Serrano explica que a chapa, de esquerda, tinha como objetivo movimentar as ações do Grêmio.

O GTP nos dias de hoje

O GTP não se manteve ativo nos anos 1980, o que mudou a partir de 1989 com a primeira Semana de Arte da Poli, criada por José Alberto Orsi. No evento, o grupo encenou a peça Eclipse. Os anos seguintes, porém, não foram de êxito na retomada das reuniões e apresentações. Apesar de outras tentativas de reviver o teatro, a primeira peça apresentada com um GTP mais bem estabelecido foi O Fiscal, em 1999. O grupo entrou nos anos 2000 com maior produtividade, mas ainda assim enfrentou dificuldades para se manter. A partir de 2003, quando a diretora Bia Szvat assumiu o grupo, houve um período de estabilidade. Em 2011, ela deixou a liderança do GTP e o cargo foi transferido para Néia Barbosa, que permanece até hoje.

“Trabalhamos bastante a parte socioemocional, a comunicação interpessoal, a rede de amizades e o arcabouço de memórias”, ressalta Néia, sobre a essência dos trabalhos do GTP. Segundo ela, o grupo se baseia nos princípios do teatro da personalidade, de Antonio Januzelli, professor de Teatro da ECA, e segue uma estética dramática, de modo a romper com as noções de enredo, linearidade e caráter teatral. A diretora também destaca a variedade de gêneros dramatúrgicos apresentados pelo grupo, que já encenou desde peças autorais até textos de Nelson Rodrigues, Shakespeare, Caio Fernando Abreu e Frank Wedekind.

Texto - Mirela Costa - Estagiária sob supervisão de Marcello Rollemberg e Roberto C. G. Castro



Em “Lembrar É Resistir” são discutidos temas como direitos humanos e intolerância - Foto: Mateus Tosatti

Artur Barrio: O Artista que Desafiou a Arte Tradicional

Divulgação/internet - <https://artrio.com/marketplace/artists/view/artur-barrio>

Artur Barrio: O Artista Luso-Brasileiro que Desafiou a Arte Tradicional

Artur Barrio é um daqueles artistas que não deixa ninguém indiferente. Nascido em Portugal em 1945, ele se mudou para o Brasil com apenas 10 anos, trazendo consigo uma sensibilidade que atravessaria fronteiras. Hoje, seu trabalho é reconhecido internacionalmente por ser provocador, instigante e profundamente conectado às questões sociais e políticas.

Quando pensamos em arte, muitas vezes vêm à mente imagens emolduradas, galerias silenciosas ou esculturas bem polidas. Barrio rompeu completamente com essa ideia. Nos anos 1970, em plena ditadura militar brasileira, ele criou obras que transformaram as ruas em galerias e os transeuntes em espectadores — e participantes.

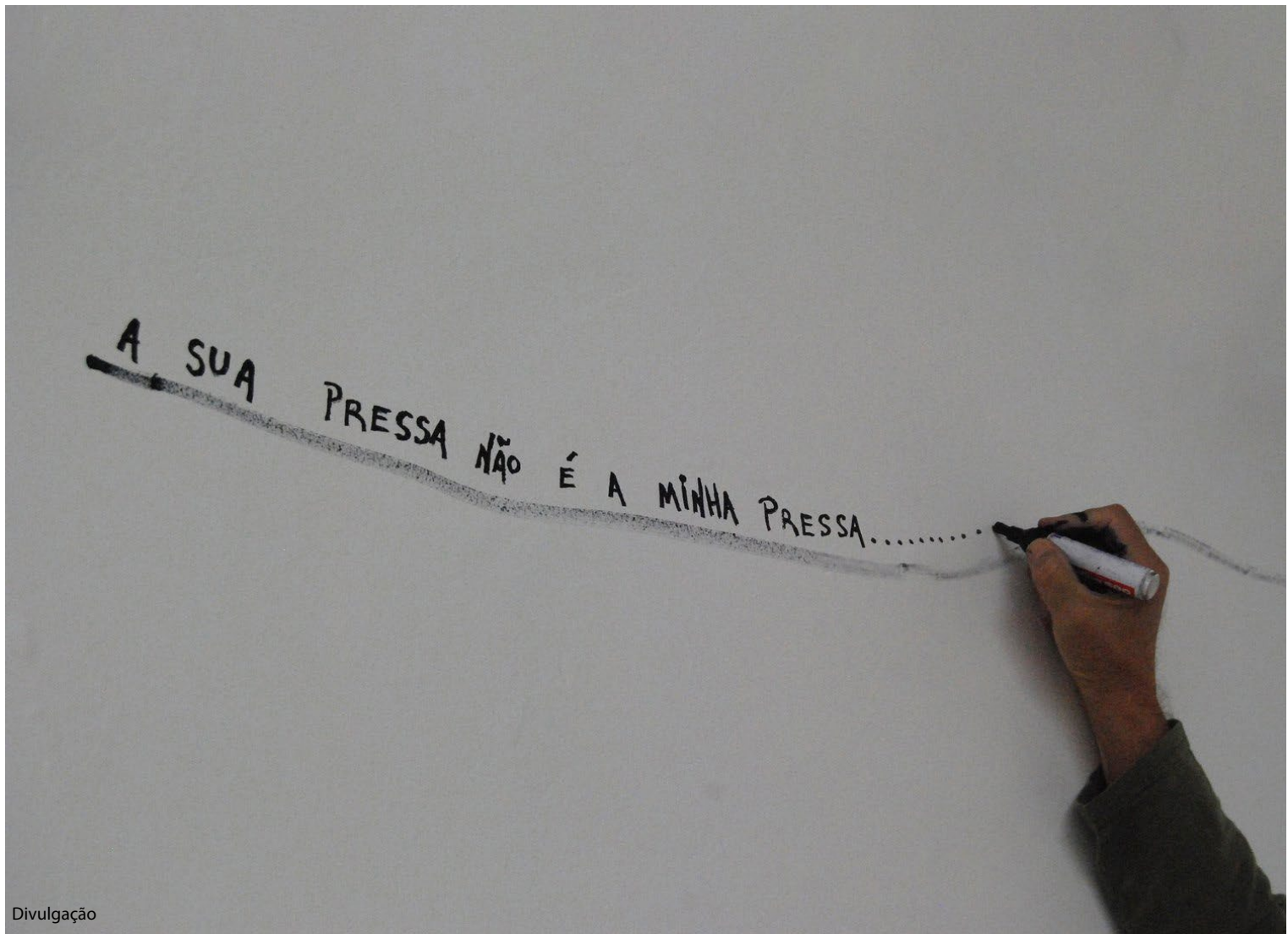
Quando a arte encontra a rua
Uma de suas obras mais marcantes, *Situações...* (1970), foi um ato de ruptura. Ele espalhou trouxas feitas de carne, sangue e materiais

perecíveis pelas ruas do Rio de Janeiro. Quem passava por ali se deparava com algo que parecia ser cena de um crime. Não havia placas explicativas ou guias de museu. A experiência era visceral, crua, impossível de ignorar.

Para Barrio, a arte não era para ser apenas vista — ela precisava ser sentida, e, muitas vezes, desconfortavelmente. A obra questionava a violência do regime militar, a desigualdade social e o próprio papel da arte em tempos de crise.

Ao contrário de muitos artistas, Barrio não está interessado em criar algo eterno. Ele trabalha com materiais efêmeros, como papel higiênico, carne e sangue, porque acredita que a transitoriedade é parte essencial da experiência artística. "A arte deve viver no momento", ele costuma dizer.

Mesmo assim, seu trabalho transcendeu o tempo e as fronteiras. Em 2011, Barrio representou o Brasil na Bienal de Veneza, um dos eventos de arte mais prestigiados do mundo, consolidando sua posição como um dos grandes nomes da arte contemporânea.



Divulgação

Uma arte para todos (e para ninguém)
Barrio rejeita a ideia de que a arte é só para quem frequenta galerias ou entende de arte. Ele acredita que sua obra é para todos, mas ao mesmo tempo, profundamente pessoal. Não há uma única interpretação certa — há tantas quantas forem as pessoas que interagem com ela.

Sua filosofia é desafiadora e nos força a refletir: quem define o que é arte? E para quem ela é feita?

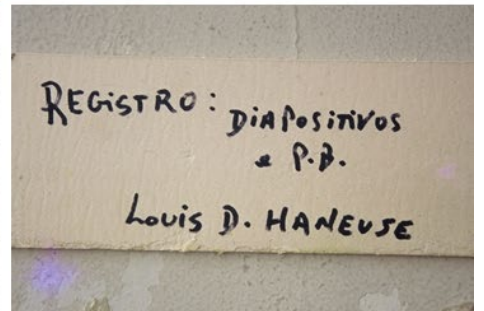
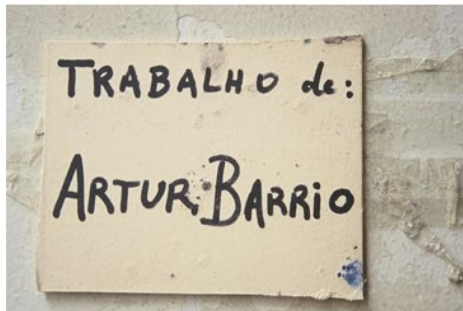
Se você quiser mergulhar mais fundo na obra de Artur Barrio, o canal do MAM-RJ tem materiais incríveis sobre ele, incluindo exposições passadas.

Por que Artur Barrio importa?
Porque, em um mundo cada vez mais comercial, Barrio nos lembra que a arte pode — e deve — ser um espaço de resistência. Seu trabalho não é algo para ser pendurado na parede, mas para ser vivido, questionado e sentido.

Barrio é um convite a sair do óbvio, a olhar para o mundo com outros olhos. E, quem sabe, a transformar a realidade ao nosso redor.

Se você já conhecia o trabalho dele ou se está descobrindo agora, vale a pena revisitar sua obra com atenção. Talvez ela diga algo diferente a você hoje.

O que acha do trabalho dele? Gosta de artistas que provocam esse tipo de reflexão?



Artur Barrio, Livro de carne, 1978-1979. Foto: Louis D. Haneuse. Archivo Artur Barrio



Divulgação/Central Galeria

Artur Barrio: o sonho do arqueólogo: Galeria Central 2023, foto Ana Pigosso



Artur Barrio: o sonho do arqueólogo: ...uma tênue linha inexistente...entre dois espaços...existentes...enquanto...que...opostos...a si...



Artur Barrio
Registro fotográfico de uma Trouxa ensanguentada

O ARTISTA TRANSFIGURADO
MUMIFICADO SECO, MAS AINDA
CRIATIVO JÁ QUE NÃO MORTO
RI DO MUNDO, DA SOCIEDADE
DOS SALVADORES ASSIM COMO
VERMES DESTRUIDORES DA
MESMA SOCIEDADE, RI DA
DOS TERRAPLANISTAS E
CRIACIONISTAS DOS INCENDIÁRIOS
E DOS POLÍTICOS SOFISTAS, etc. e
etc.

ESTAMOS CHEGANDO AO
PESADELO... FAÇAM FILHOS

DISSECADO
ASSIM
O, SORRI,
DE E
MODO
DESSA
RELIGIÃO,
CRI-CRI-
NDIÁRIOS
S, etc. e

FIM DO
PARA O OGRE
OS DEVORAR...





Artista: Vivien Zanlorenzi

Título: Ciclos da vida

Técnica: Livro da artista, tinta acrílica sobre papel envelhecido com chá, aplicação de folhas de ouro

Ano: 2023

Medidas: 16,5X24cm fechado

33X24cm aberto

A vida e a morte andam juntas desde o momento em que você expõe seus pulmões ao ar pela primeira vez, nesta série, procuro mostrar o limiar deste momento, vida e morte, o quão frágil é este limiar.

Um pouco sobre meu trabalho:

Sou formada em gravura, e por este motivo, acredito que minhas pinturas tem muitos elementos gráficos, como o contraste de luz e sombra e texturas.

Todas minhas obras são abstratas, meu trabalho está todo envolto de minha vida, meus sentimentos, sensações e inquietações, são

expostas nas minhas pinturas e livros de artista, que gosto muito de produzir.

Para mim a arte é o elo que une a vida com o eu interno, acredito que a arte é um escape para não ficarmos loucos, como li em algum lugar... "loucura gera criação...ausência de loucura não produz arte."

A ideia de maturidade de pensamento, a sabedoria, o autoconhecimento e porque não a prudência, é totalmente exposta em meus trabalhos, basta senti-los. Uma obra de arte, seja qual ela for...tem o poder de fazer pensar, pensar a respeito de seu significado, de sua história, de suas motivações e inspirações.

Isso me faz criar!



50x70

CATADORA DE VONGOLE, 2008.
(Trabalho de CRISTINA MOTTA)

A catadora de vongole com sua autonomia e necessidade, explora cada milímetro do mangue, na temporada de maré seca; em busca de sua sobrevivência, sem agredir o meio ambiente, já que tem o conhecimento do sol, da lua e das marés. Sabe que seus dias lucrativos dependem da oferta da natureza. Uma mulher negra que a única forma de sobrevivência desde o ventre de sua mãe, foi o mapeamento dos manguezais, dialogando com as estações propícias ao crescimento do vongole. Com uma colher de sopa, ela escava a areia em gestos coordenados, dentro do seu silêncio.

O objeto que usa para transportar a colheita, parece uma escultura, foi criado por ela. (uma bombona recortada e amarrada com arame grosso, para suportar o peso. "Uma caçamba".) As crianças parecem, divertir-se a andar de cócoras por horas mariscando com sua colher, em um sol intenso. Pergunto a uma delas se estuda, ela responde que sim, à tarde, e pela manhã colabora com a mãe.

A lida não para... Dias e noites seguidos. Muito breve essa maré seca voltará ao normal. A ideia de fotografar os catadores de vongole surgiu a partir da observação direta dessas mulheres e crianças em seu ambiente de trabalho. As formas e as cores que vi em Itaparica, surpreenderam-me. Passei dias seguindo-as, tentando não importunar.



CRISTINA MOTTA





4 fotografias (cada imagem 50x70)



3 fotografias (cada imagem 40x45)

ANDERSON PERIN



Obra apresentada na Exposição:

- **“Destinos Entrelaçados” – 60cm x 40cm**

“O objetivo de minha Arte é tocar os sentimentos das pessoas... sentimentos adormecidos ou encarcerados para não prejudicar a “vida feliz” apresentada nas redes sociais. Mergulhar na alma das pessoas, libertar, deixar fluir cada emoção aprisionada é a mais pura beleza da Arte que imagino quando crio uma obra. Mesmo tratando de sentimentos pesados, a Arte mostra a superação destes momentos, a vitória e o aprendizado em todas estas situações!”



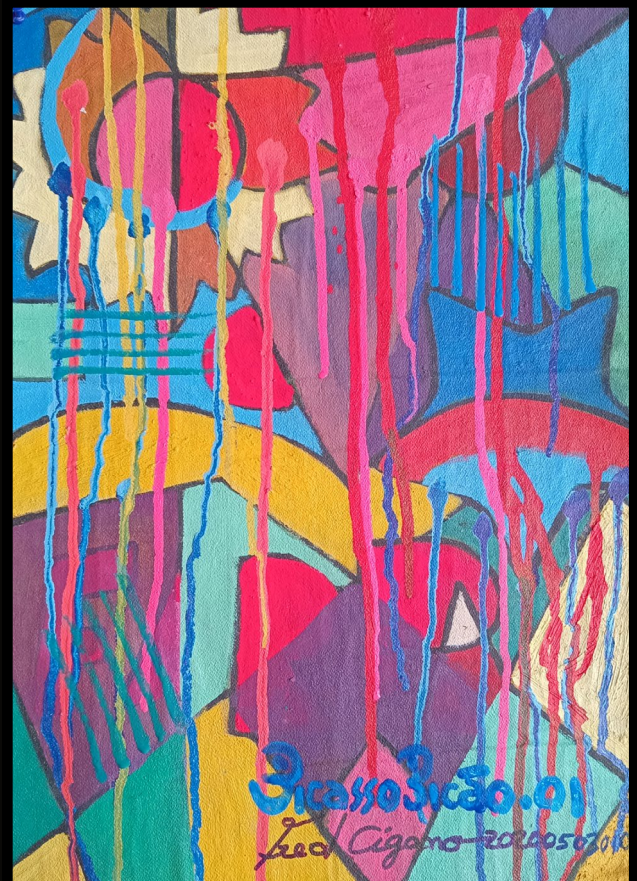
Obra apresentada na Exposição:

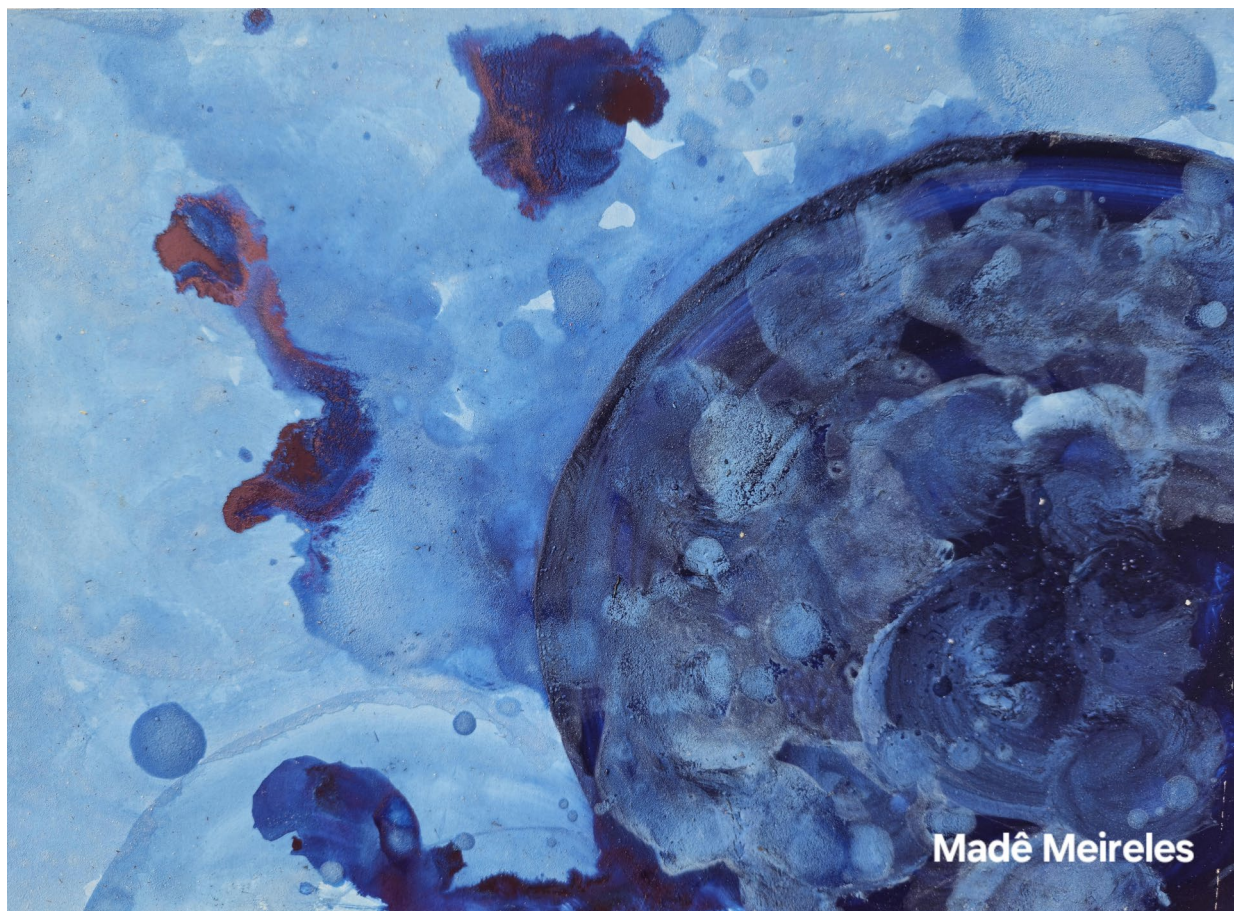
- "Dúvidas Cotidianas" – 60cm x 40cm





Picasso Picão é o nome artístico de Fredavalonpicão, de etnia cigana, nasceu num acampamento de ciganos que pousaram em Porto Alegre Rio Grande do Sul, a 10 de outubro de 1966

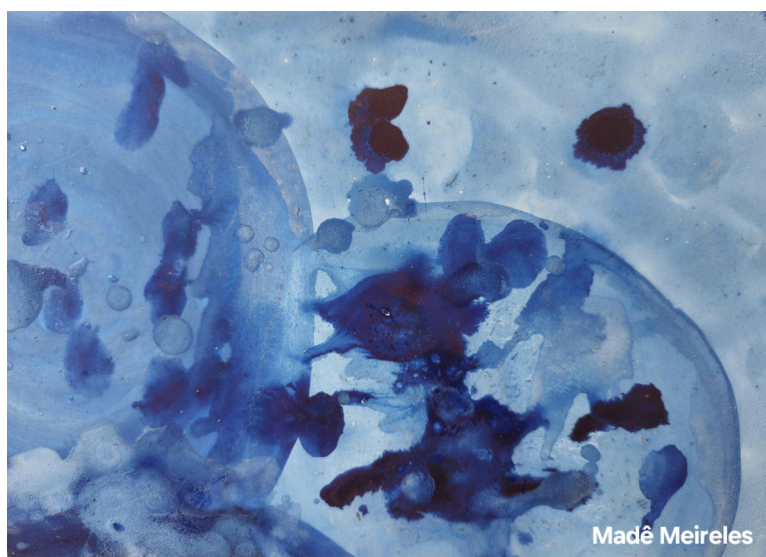




“Terra em desencanto”.

Trata-se de um polipítico de oito partes.

A técnica utilizada é mista a base de sedimentos de terra sobre papel cartão. O conceito está baseado no momento presente sob o olhar das mudanças climáticas e acomodações do planeta a partir das ações e inações humanas neste contexto.



Mini bio:

Madê Meireles, 1964.

Artista, autodidata natural de Cruzeiro-SP. Formada em Pedagogia e Pós-graduada em Arte/Educação.

Vem desenvolvendo seu trabalho de pesquisa na arte desde 2010.

Em 2017, iniciou sua trajetória artística com uma exposição individual e a partir daí, vem participando de exposições em salões de artes plásticas de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Salerno na Itália.

Nessa jornada, tem como premiação e reconhecimento, três menções honrosas e uma grande medalha de bronze nas exposições de suas obras.

Joaquim Gardino



Divulgação

Joaquim A. dos Santos Neto, conhecido como Joaquim Gardino, um designer de interiores e tecelão autodidata. Formado pela Universidade Paulista (UNIP) em 2019 e sempre teve uma paixão pelas artes manuais, mas foi após a faculdade que descobriu a verdadeira vocação pela tecelagem. A partir de 2020, iniciou o trabalho com um tear pente-liço e aprimorou habilidades com mestres tecelões brasileiros renomados, como Rodrigo – O Tecelão, Aquila Klippel e Alexandre Heberte.

Atualmente, cria tapeçarias com técnicas como Kilim e padronagem, usando um tear de pedal que ele mesmo construiu. Utilizando barbantes de algodão ecológico, reforçando o compromisso com a sustentabilidade.

Em 2021, incorporou a técnica de tufting em seu trabalho, ampliando ainda mais o repertório artístico. Em 2023, integrou-se ao Programa de Artesanato Brasileiro, aumentando a visibilidade de suas criações.

“Desenvolvo minhas peças de forma autoral e intuitiva, inspirando-me no cotidiano e sempre buscando aprimorar meus conhecimentos. Minha dedicação e habilidade fazem de minhas tapeçarias obras de arte únicas, que celebram a tradição e a inovação na tecelagem artesanal.”



Tapeçaria Mariposa

Dimensões aprox.: 120 x 80cm;

Técnica: Kilim em tear manual e fiber emballage;

Instalação: Parede;

Cores: Marrom, azul, telha, bordô, mostarda, roxo e cru;

Horas de trabalho: Aprox. 75 horas de trabalho manual;



Divulgação

Tapeçaria Mira

Dimensões aprox.: 100 x 100cm + franjas;

Técnica: Kilim em tear manual;

Instalação: Parede;

Cores: Verde, telha, roxo, azul e cinza;

Horas de trabalho: Aprox. 58 horas de trabalho manual;

Novas pesquisas revelam detalhes do cinema clandestino feito sob a ditadura brasileira

Livros documentam como diretores conseguiram burlar o regime, enviar obras para fora do Brasil, incluindo Cuba, e denunciar as atrocidades militares



<https://operamundi.uol.com.br/cultura/novas-pesquisas-revelam-detalhes-do-cinema-clandestino-feito-na-ditadura-brasileira/>

Reprodução / Por um Cinema de Cordel (Alameda)

Fotogramas em ordem da primeira sequência composta por pedaços de jornal no filme 'Você Também Pode Dar um Presunto Legal'

Pedro Alexandre Sanches
São Paulo
22 de novembro de 2024,
às 12:17

Se inúmeros cidadãos brasileiros foram empurrados à clandestinidade nos anos duros da ditadura militar de 1964, não foi diferente o destino do cinema que era ou tentava ser combativo naqueles mesmos anos. Histórias subterrâneas que vieram à tona em pílulas ao longo das últimas décadas têm sido estudadas mais a fundo a partir da constituição da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instalada pela presidente Dilma Rousseff em 2011, e agora rendem frutos vistosos em formato de filmes, vídeos e livros.

É o caso, por exemplo, do documentário *Você Também Pode Dar um Presunto Legal*, dirigido por Sergio Muniz (1935-2023), que ocupa parte substancial das 552 páginas do livro recém-lançado *Por um Cinema de Cordel* (Alameda).

O livro, inclusive, terá um lançamento neste sábado (23/11) no Museu Lasar Segall, em São Paulo. O evento será das 17h às 20h30, com exibição do curta de Muniz *Roda e Outras Estórias* (1965), com músicas de Gilberto Gil, seguido de conversa com os organizadores do livro e sessão de autógrafos.

A Caravana Farkas e o regime militar

Organizado por Marcius Freire, professor do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e por Andréa C. Scansani, professora do Departamento de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o livro reconstitui a trajetória ímpar de Sergio Muniz, documentarista paulistano que esteve no centro da experiência cinematográfica conhecida como Caravana Farkas, bancada e liderada pelo húngaro radicado paulistano Thomaz Farkas (1924-2011), que deixou sua marca na cultura e no cinema do Brasil como produtor, sócio-fundador da empresa Fotoptica e professor de fotografia, fotojornalismo e

jornalismo cinematográfico.

Muniz foi decisivo na coordenação das viagens aos sertões do Nordeste que originaram 19 documentários assinados pelos diretores Geraldo Sarno, Maurice Capovilla e Paulo Gil Soares e nas quais ele próprio floresceu como cineasta. Entre a Caravana Farkas e trabalhos avulsos, ele produziu uma filmografia curta composta de meros oito curtas-metragens, três médias, dois longas dois programas Globo Repórter e cinco vídeos.

Farkas surge no livro *Por um Cinema de Cordel* caracterizando Sergio Muniz: “teu filme *Você Também Pode Dar um Presunto Legal* das tuas realizações que conheço é a mais sensacional! Também a mais perturbadora e trágica”.

O título *Você Também Pode Dar um Presunto Legal* surgiu decalcado de uma ameaça que o famigerado delegado Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979) dirigia a militantes de esquerda que prendia, torturava e matava – “presunto” significava cadáver, no jargão policesco da virada dos anos 1960 para os 1970. Filmado entre 1970 e 1971 e montado em 1973, o documentário de Muniz narra, de modo original, experimental e descontínuo, o nascimento, a metodologia de ação e a evolução do Esquadrão da Morte, um nome de época para o que hoje conhecemos como “milícia”.

Produzido durante a gestão sangrenta do general Emílio Garrastazu Médici, o filme de Muniz explica não apenas o processo de conversão do paramilitar Esquadrão da Morte em aparelho “oficial” da ditadura, a partir de instituições de horror como o Departamento de Ordem Política e Social (Dops), que em São Paulo foi dirigido a partir de 1968 pelo até então chefe do Esquadrão da Morte, Sérgio Fleury.

Expõe também, dando nome a bois como Ultragaz, Ultrafértil, Construtora Camargo Corrêa, Banco Bradesco, Grupo Moreira Salles e “muitos outros” conglomerados industriais, a íntima conexão da burguesia civil brasileira daquele período com a ditadura supostamente militar e suas garatujas mais ou menos oficiais, como Dops, Esquadrão da Morte, Oban (Operação Bandeirante), DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) etc.

Diz a voz narradora de Sergio Muniz em *Você Também Pode Dar um Presunto Legal*, roteirizada por ele e por Francisco Ramalho Jr. e atualmente disponível na íntegra no YouTube: “o sangue dos patriotas corre tal como o dos presuntos. Fleury rejubila-se. O aprendizado proporcionado pelo Esquadrão não foi em vão. Repressão e grande indústria dão-se as mãos. Dezembro, 1970. Numa cerimônia oficial, o delegado Sérgio Fleury é condecorado pela Marinha brasileira. A notícia não foi divulgada nem interna nem externamente”.

Não à toa, *Presunto* foi produzido clandestinamente, migrou clandestino do Brasil a Cuba, foi montado em 1973 entre Paris e Roma e permaneceu inédito no Brasil por 30 anos, até ser exibido pela primeira vez em 2003 por iniciativa da cientista social e professora Anita Simis, companheira de Muniz, na Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara. A partir daí, o filme que expõe as vísceras civis-militares-paramilitares da ditadura de 1964 ganhou sobrevida colateral (quase nunca na mídia dita tradicional, que mal registrou a morte de Sergio Muniz no ano passado), por exemplo em 2017, quando o cinema de Sergio Muniz foi homenageado no festival de documentários *É Tudo Verdade*.

O organizador Marcius Freire responde sobre a hipótese de que a exposição da participação civil no castelo de tortura da ditadura, aí incluídas a imprensa e a mídia, seja um fator de esfriamento em relação a Muniz e seu cinema de dedo na ferida: “pode ser que seja um ingrediente do descaso. Mas não é um torcer de nariz, é um descaso mesmo. Não é o único ingrediente, é um desdobramento. Nossa imprensa, infelizmente, se ocupa dos grandes filmes de shopping center”.

Sergio Muniz e o cinema brasileiro
Freire explica que Muniz participou ativamente da construção de *Por um Cinema de Cordel*

e chegou a ver uma das primeiras versões do livro completo no formato PDF.

Entre textos reflexivos de Muniz e uma série de depoimentos e artigos acadêmicos reunidos em *Por um Cinema de Cordel*, Naara Fontinele, pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), narra a clandestinidade das imagens que filmaram a ditadura, refazendo o percurso de *Presunto* entre Brasil, França, Itália e Cuba, e acrescentando informações: “segundo [o cineasta] João Batista de Andrade, Muniz foi responsável pelo transporte clandestino de material fílmico das primeiras passeatas estudantis contra o regime militar, filmado por ele e Francisco Ramalho Jr. As imagens foram preservadas como anônimas no acervo do Icaic [Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, de que Muniz foi um dos primeiros diretores, nos anos 1980] em Cuba”.

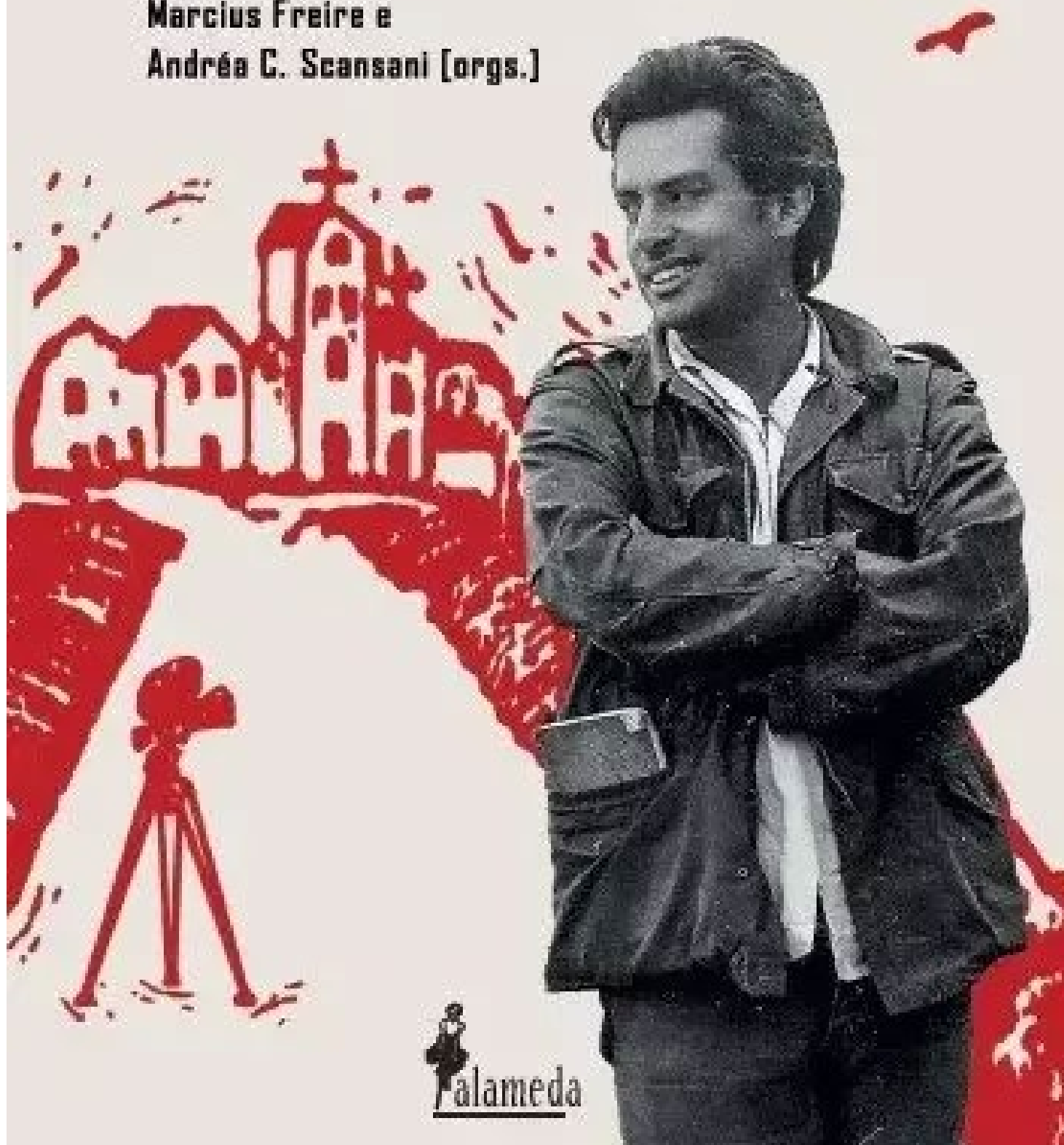
O próprio Muniz se encarregou de difundir a segunda encarnação de sua obra-prima a partir de 2006, quando produziu uma montagem final de 39 minutos de *Você Também Pode Dar um Presunto Legal*. O livro *Por um Cinema de Cordel* inclui 130 depoimentos sobre o documentário, muitos deles colhidos pelo diretor como retorno após ele enviar cópias digitais para cineastas, intelectuais, acadêmicos, dramaturgos, jornalistas e atores como Andrea Tonacci, Cacá Diegues, Carlos Reichenbach, Consuelo de Castro, Fernão Ramos, Frei Betto, Ismail Xavier, Ítala Nandi, Jean-Claude Bernardet, João Batista de Andrade, João Silvério Trevisan, João Pedro Stédile, José Dirceu, Marilena Chaui, Miriam Chnaiderman, Nelson Pereira dos Santos, Olgária Matos, Othon Bastos, Renata Pallottini, Silvio Tandler, Vladimir Carvalho, Walnice Nogueira Galvão etc.

Entre depoimentos constrangidos, sobressaem outros mais frontais e reveladores, verdadeiras mensagens na garrafa lançadas por Muniz ao oceano do esquecimento, como o do professor de história da Universidade Regional do Cariri (Urca) Tito Reidl, que classifica *Você Também Pode Dar um Presunto Legal* como “inquietante, bastante expressivo” e “algo constrangedor”.

POR UM CINEMA DE CORDEL

UM LIVRO DE
SERGIO MUNIZ

Marcus Freire e
Andréa C. Scansani [orgs.]



 Alameda

Divulgação / Alameda

'Por um Cinema de Cordel' traz depoimentos e análises da trajetória de Sergio Muniz

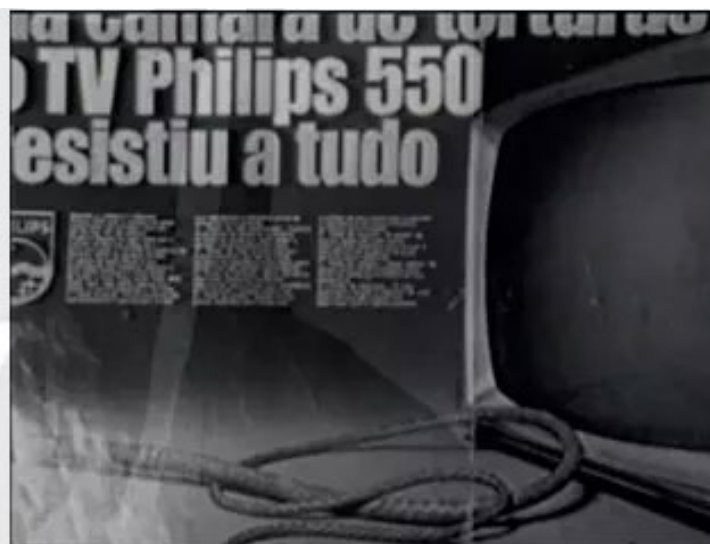
Há, por exemplo, quem parabenize Muniz de forma protocolar pelo filme “novo” após longo intervalo sem filmar, como há quem se limite a lamentar a ausência dos nomes dos atores de Presunto nos créditos e quem diga que havia se esquecido da participação civil-empresarial na ditadura dita militar (caso da jornalista e professora de cinema da USP Regina Festa, que se afirma “chocada” pela recordação).

De outro lado, a filósofa Marilena Chaui fala do “gangsterismo capitalista” que pariu a ditadura “militar”; o cineasta Sergio Santeiro classifica os fardados de 1964 (etc.) como “cães da burguesia”; e o político José Dirceu enumera alguns dos “cúmplices” da ditadura: empresários, juizes, políticos, policiais, publicitários...

Em reflexão exaltada, o cineasta “marginal”

Andrea Tonacci lembra que a “metodologia do horror é hoje sistêmica do capitalismo e até regulamentada”, que nossa sociedade é condicionada a “uma vida escrava, inconsciente, onde aceitar tortura sem reconhecê-la como tal é o aprendizado/condição de ‘vida’”, e aproveita para lembrar que “em geral, como na propaganda, no mercado do mundo, o cinema só tem servido para fazer boi pastar e dormir. O cinema brasileiro atual tem sido em geral uma bela prova disso e teu filme a prova do contrário”.

O professor de sociologia Marcelo Ridenti classifica Presunto como “o Cabra Marcado para Morrer de Sergio Muniz”, referindo-se ao documentário de Eduardo Coutinho sobre a resistência camponesa à repressão, abortado pelo golpe de 1964 e retomado 20 anos depois, no princípio da redemocratização do país.



Reprodução / Por um Cinema de Cordel (Alameda)
À esquerda, original da peça publicitária retomada em 'Presunto'; à direita, fotograma do filme com a publicidade re-enquadrada

Anita Simis formula as perguntas que tantos querem calar, mas que ribombam apesar de tudo: “onde estão aqueles que assistiam às sessões de tortura? Aqueles que financiaram e acobertaram essas ações? Quanto tempo terá que se passar para que saibamos o que deflagrou tamanhas atrocidades, quem é responsável e como?”.

O crítico e professor de cinema Jean-Claude Bernardet, por fim, lamenta que Muniz não tenha tido participação mais central nos rumos do cinema brasileiro do Cinema Novo para cá

e coloca os pingos nos is: “a relação que você estabelece entre grande capital, estrutura política e repressão hoje é tabu”. A afirmação valia para cerca de duas décadas atrás, quando Bernardet escreveu o bilhete a Muniz, como vale hoje diante das imbricações civil-militares do bolsonarismo.

“Como diz Bernardet, se o cinema de Muniz tivesse circulado à época e se ele tivesse feito mais filmes o cinema documental brasileiro teria sido diferente”, avalia Marcius Freire, ao mesmo tempo reconhecendo a inviabilidade

de um filme como *Você Também Pode Dar um Presunto Legal* no fulcro dos anos de chumbo: “um filme como esse denunciava, e denuncia, o que estava acontecendo no Brasil. Ele revelava uma parte escondida da história, que hoje as novas gerações não conhecem”.

Logo que o filme começou a tomar forma, observa, amigos aconselharam Muniz a não exibi-lo publicamente e colocá-lo em hibernação.

A ditadura retratada pelo cinema de arquivo Outro documento novo e crucial para a compreensão da clandestinidade do cinema engajado durante a ditadura é o livro *Cinema de Arquivo: Imagens e Memória da Ditadura Militar* (Sagarana Editora/Faperj), da fluminense Patricia Machado, pesquisadora e professora de comunicação e estudos de mídia na PUC do Rio de Janeiro. Seu livro investiga o papel clandestino do cinema nacional na preservação de histórias da ditadura vividas por camponeses, estudantes, trabalhadores da cultura, exilados políticos etc.

Machado, que classifica sua pesquisa como trabalho “de detetive” e “de formiguinha”, principia pela decupagem minuciosa do célebre *Cabra Marcado pra Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, e de tudo que o filme fraturado em dois revela sobre a resistência no sertão nordestino e sobre sua repressão pela ditadura. A pesquisadora descobre, por exemplo, que o filme de Coutinho guarda a última imagem em vida do ex-lavrador, militante do PCB e deputado cassado João Alfredo Dias, o Nego Fuba, que foi preso e desapareceu pouco depois desse registro, em 1964, e cuja morte só foi reconhecida como responsabilidade do Estado brasileiro em 2014, quando foi publicado o relatório final da CNV.

Dali, Machado se debruça sobre o trajeto tortuoso de imagens raras registradas em manifestações públicas de 1968, como o cortejo fúnebre, enterro e missa de sétimo dia do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto (1950-1968), assassinado aos 18 anos pela Polícia Militar, e a Passeata dos Cem Mil, colhidas pelos cinegrafistas Eduardo Escorel (com 22 anos em 1969), José Carlos Avelar (então crítico de cinema no *Jornal do Brasil*), Luiz Alberto Sanz (também crítico de cinema e militante da VPR, a Vanguarda Popular Revolucionária).



RNI Films app / Reprodução

Pesquisadora Patricia Machado, autora do ‘Cinema de Arquivo’

A sobrevivência em circuitos clandestinos, tanto de *Cabra Marcado pra Morrer* como das cenas filmadas nas manifestações de 1968, passa por caminhos tortuosos que incluem o armazenamento camuflado (*Cabra Marcado* ficou na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, rotulado com o título *Rosa do Campo*) e o envio clandestino de imagens ao exílio.

Ambas as atitudes foram empreendidas pelo então diretor da Cinemateca do MAM, Cosme Alves Neto (1937-1996), que fez daquele um espaço de resistência dentro do país sob a ditadura – pela qual foi preso e torturado mais de uma vez, a primeira delas ainda em 1964-1965, depois em 1969. Guardadas por Alves Neto, imagens feitas por Escorel e Avelar, por exemplo, ficaram armazenadas sob o rótulo “Avelar”, escaparam à caçada por agentes da repressão e permaneceram arquivadas no MAM por quatro décadas.

Indagado por Escorel, Alves Neto afirmou que não se lembrava do paradeiro dos rolos de filmes e que acreditava tê-los enviado clandestinamente para Cuba. O rolo foi encontrado em 2007 por um funcionário da Cinemateca; a parte de Avelar estava deteriorada e perdida.

No relatório da Comissão Nacional da Verdade, Maria Lectícia Ligneul Cotrim, católica, de família militar com resistentes à ditadura e casada com um militar, relata ter sido torturada em 1974 quando viu fotografias de Cosme Alves Neto sob tortura. A propósito, Patricia Machado descreve a importância da CNV para tudo que aconteceu depois: “minha pesquisa só existe porque existiu a comissão. Além da possibilidade de acesso aos documentos da ditadura, a CNV disponibiliza

informações, documentos e testemunhos que foram fundamentais para a pesquisa. Ela faz esses documentos e falas circularem, incita novos debates, estimula a própria imprensa e a população a lembrar e contar novos episódios sobre a ditadura”.

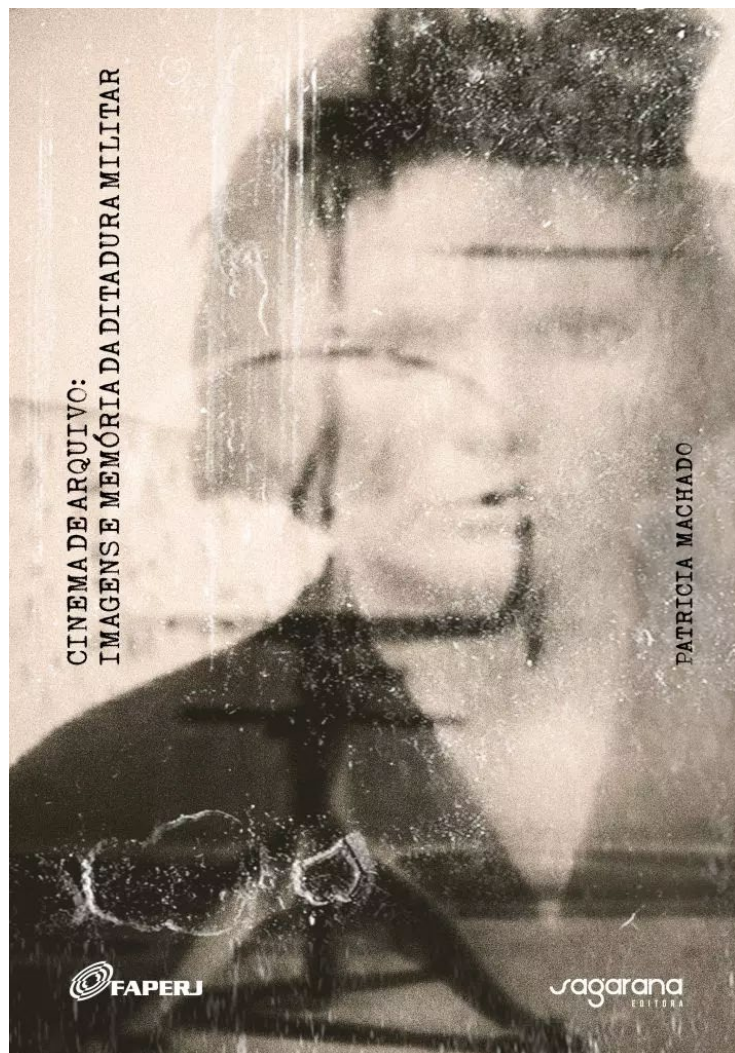
Um dos pontos que Cinema de Arquivo levanta é a existência de material audiovisual clandestino produzido não apenas pela resistência, mas também pela própria ditadura. “Relatos dão conta de que sessões de tortura foram fotografadas e filmadas para serem utilizadas para fins didáticos em cursos de interrogatório, mas essas imagens desapareceram e até hoje não foram localizadas. Trata-se de imagens ausentes, imagens que faltam”, escreve Machado. “[A pesquisadora] Anita Leandro sugere a existência de snuff movies, filmes que mostram a pessoa ser torturada, a partir de relatos de ex-militantes presos, mas não há ainda comprovação da existência dessas imagens.”

Coordenadora do grupo Práticas do Contra-Arquivo, da PUC-RJ, Machado estuda imagens geradas fora de acervos oficiais ou produzidos pelo Estado, o que inclui filmagens privadas, domésticas, esquecidas e assim por diante. Ela afirma que no próprio meio cinematográfico persiste o tabu em falar sobre a origem desses arquivos e relata que, sem pretender investigar questões de gênero, deparou-se com uma grande quantidade de material produzido por mulheres, em geral aliadas da concepção de movimentos como o Cinema Novo dos anos 1960 e o Cinema Marginal da virada dos 1960 para os 1970.

Figura-síntese do tema de que trata Cinema de Arquivo é a militante Maria Auxiliadora Lara Barcellos, codinome Dora, cuja imagem em movimento frequenta diversos filmes estudados por Machado, em circunstâncias diversas. O livro lança luz sobre dois filmes produzidos pelo militante Luiz Alberto Sanz durante seu exílio, primeiro no Chile, depois na Suécia. Em Não É Hora de Chorar (1971), exilados que haviam sido libertados em troca do embaixador suíço sequestrado em 1970 descrevem pela primeira vez ao mundo as torturas que sofreram nos porões da ditadura brasileira.

Entre eles está Dora, funcionária pública, estudante de medicina e militante da VAR-

Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares) que foi presa e torturada em 1969 e integrou o “grupo dos 70” militantes libertados em troca do embaixador suíço. “Eles falaram que iam me matar e nome do esquadrão, e que ninguém ia descobrir, e que seria em uma estrada deserta, e tentavam me enforcar com golpe de pescoço e punham a pistola no meu ouvido”, ela conta.



Divulgação / Sagarana
Capa do livro 'Cinema de Arquivo: Imagens e Memória da Ditadura Militar'

Charges nas redes



Nando
Vota
2014

É MOÇO, CÊ TÁ
BEM LONGE DE CASA...



FALE AO MOTORISTA
SOMENTE O INDISPENSÁVEL

**Não se usa crase
diante de verbo.**



ACHO QUE JÁ ESTÁ NA HORA DE TERMOS UM OUTRO PAI POR AQUI. QUANDO TERMINA O SEU MANDATO?



DESCULPE, CALVIN. FUI ELEITO PAI PARA SEMPRE.

@AmoSorrir



PRA SEMPRE?!

QUE TAL ANULAR OS VOTOS? OU UM IMPEACHMENT?

NADA DISSO ESTÁ PREVISTO.

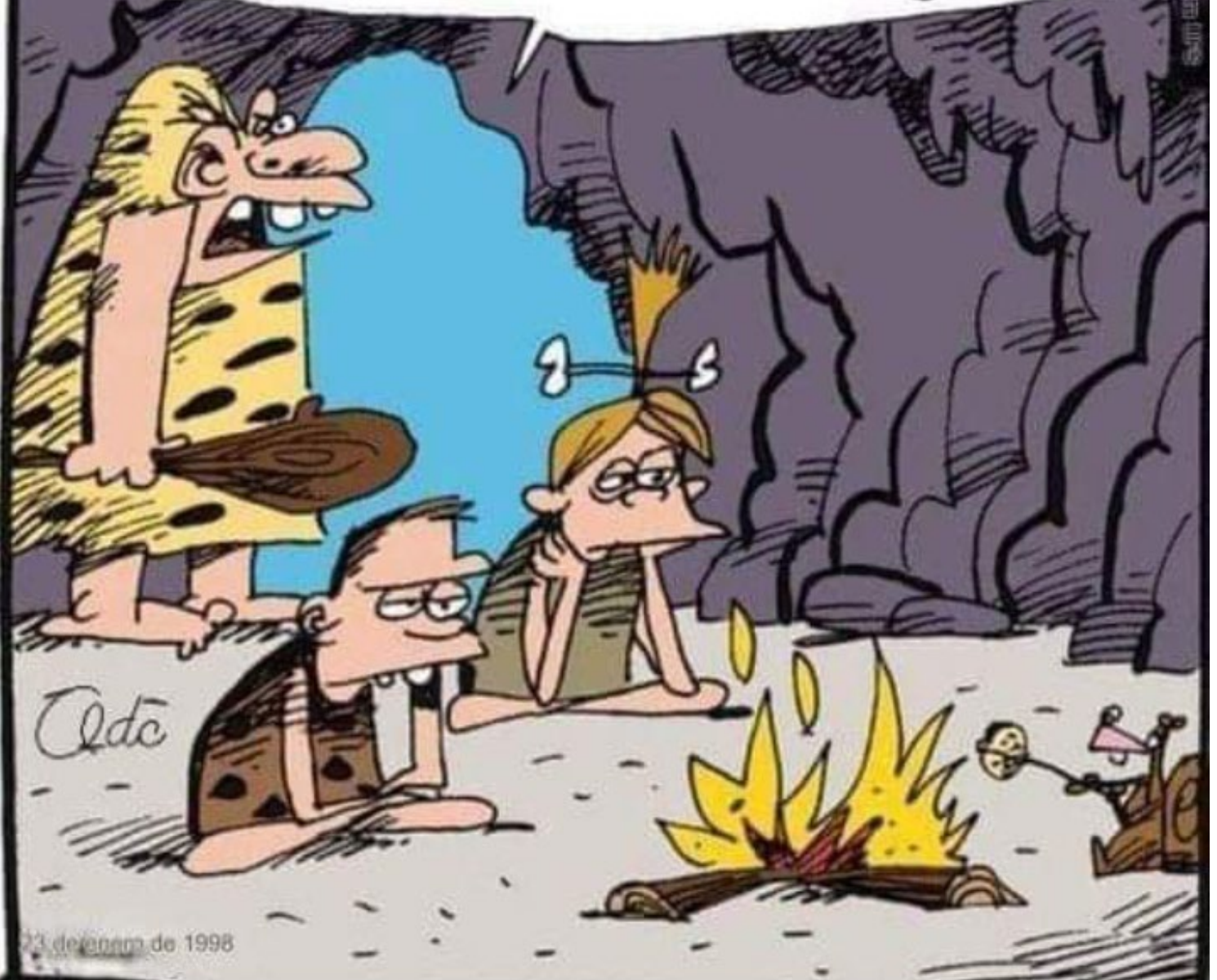


FOI VOCÊ QUEM ESCREVEU ESSA CONSTITUIÇÃO OU O QUE?

BOM, SUA MÃE TAMBÉM DEU UMA MÃOZINHA.



Estas crianças de hoje
tem tudo! No meu tempo
não tinha nem fogo!!



O que é?

A Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), instituída pela Lei nº 14.399, de 08 de julho de 2022, tem como objetivo fomentar a cultura em todos estados, municípios e Distrito Federal.

Com recursos previstos até 2027, a PNAB é uma oportunidade histórica de estruturar o sistema federativo de financiamento à cultura, mediante repasses da União aos demais entes federativos de forma continuada. Diferente das ações da Lei Aldir Blanc 1 e da Lei Paulo Gustavo (LPG), que

tinham caráter emergencial, projetos e programas que integrem a Política Nacional Aldir Blanc receberão investimentos regulares. Fomento que será repassado a ações culturais por meio de editais para trabalhadoras (es) da área cultural, bem como pela execução dos recursos de maneira direta.

Para quem é a Política?

Podem inscrever projetos em editais publicados pelos entes federativos e receber recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) trabalhadores(as) da cultura, entidades, pessoas físicas e jurídicas que atuem

na produção, na difusão, na promoção, na preservação e na aquisição de bens, produtos ou serviços artísticos e culturais, inclusive, o patrimônio cultural material e imaterial.

Como funciona a Política?

A PNAB será executada em parceria com estados, municípios e Distrito Federal, por meio da transferência de recursos do Ministério da Cultura

(MinC) aos entes federativos. Serão recursos anuais de R\$ 3 bilhões de reais, entre 2023 e 2027.

Itaipu reforça orientações sobre como fazer inscrição no edital de patrocínio voltado para cultura

Empresa quer garantir maiores chances de sucesso das proponentes no processo



fotos de evento cultural patrocinado pela Itaipu. Crédito: Adenésio Zanella/Itaipu Binacional.

As inscrições para o edital de seleção pública de patrocínio da Itaipu voltado para eventos artístico-culturais, com recursos de R\$ 3 milhões, podem ser feitas até 31 de dezembro. Para garantir mais assertividade das proponentes nos pedidos, a Binacional está reforçando as orientações do processo. As entidades precisam ter no mínimo 12 meses de constituição. A iniciativa contempla produção de espetáculos, performances, festivais artísticos, culturais e musicais, realização de mostras e afins.

As ações deverão ser desenvolvidas dentro da área de atuação prioritária da Itaipu, que compreende os 399 municípios do Paraná e 35 do Mato Grosso do Sul, totalizando 200 mil quilômetros quadrados e 11 milhões de habitantes.

A gestão da Comunicação Social, área responsável pelo patrocínio, pede que os interessados observem com atenção quais os tipos de projeto são previstos no item "objeto" do edital, pois os que não se enquadrarem serão eliminados.

O edital não contempla ensaios ou custeio e manutenção da entidade, nem mesmo é destinado a pessoas físicas nem pessoas jurídicas com fins lucrativos. Entidades de direito público, como municípios, podem submeter projetos.



fotos de evento cultural patrocinado pela Itaipu. Crédito: Adenésio Zanella/Itaipu Binacional.

O edital também contempla ações de Natal, desde que estejam enquadradas no item “Objeto”. “Portanto, esse é o momento de os municípios que realizam ações natalinas submeterem seus projetos para o Natal de 2025, lembrando que pagamento de cachê artístico é despesa vedada”, alerta o gerente da Gestão da Comunicação, Marcos Rogério Pinto de Oliveira.

É muito importante que os interessados acessem o site da Itaipu: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/patrocínios>, façam a leitura do edital e assistam aos vídeos disponíveis, pois eles são essenciais para que o projeto submetido atenda às regras.

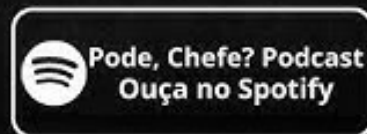
A Itaipu

Com 20 unidades geradoras e 14 mil MW de potência instalada, a Itaipu é líder mundial na geração de energia limpa e renovável, tendo produzido, desde 1984, mais de 3 bilhões de MWh. Em 2023, foi responsável por cerca de 10% do suprimento de eletricidade do Brasil e 88% do Paraguai.



AR Pode, Chefe? podcast

Muita Paz e Gratidão



www.youtube.com/@podechefe

O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais.

O Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades.

Permita-se!

Links

Spotify

open.spotify.com/show/4fPdtMvxnlMiVm68FOI9tc?si=xtyFYzweSF-t7O_EvyiTqA

Pode, Chefe? Podcast

whatsapp.com/channel/0029Va5Kfp2HltYAbBEnoA3D

Aurélio Pereira

youtube.com/channel/UC1CcsNiFeaYXPmCeiA5U2Aw

Ronilson Rony

ronilsonrony.com.br



Cia NUA (Núcleo Artístico) de dança-teatro, é um grupo criado em 2018, na cidade de Londrina (PR), como polo de investigação, produção e formação em artes cênicas. O grupo realiza projetos que envolvem a criação e circulação de espetáculos, produções em audiovisual, além de promover ações formativas, com a realização de oficinas de dança-teatro, vendo a arte como movimento vivo entre comunidade, rede artística e mercado cultural. No ano de

2024, o grupo realizou três diferentes projetos: produção e estreia do vídeo-dança “Andanças”, com patrocínio da Lei Paulo Gustavo; produção e estreia do espetáculo “O conto de paredes trincadas”, com patrocínio do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) de Londrina; execução do projeto de oficina de dança-teatro “Como dançar junto para construção de novos afetos”, também com o patrocínio do PROMIC.

ANDANÇAS

vídeo dança

Em “Andanças”, uma jornada visual e sonora atravessa uma cidade, manifestando profundas conexões entre corpo, espaço e tempo. Neste filme, quatro dançarinos se movem e expressam ritmos da cidade, revelando momentos de um dia, em diferentes recortes da vida urbana. A dança percorre caminhos e cria diálogos distintos em cada cenário desta realidade, as “personagens” dançam, representam, andam, expressam, se cruzam e ressignificam o cotidiano. Cada quadro deste filme é preenchido pelas memórias, afetos e ritmos de pessoas que cotidianamente atravessam e ocupam esses espaços. O movimento, o ritmo e a rotina urbanos, inspiram danças que buscam ressignificar esses ambientes. A passagem do tempo e as paisagens de cada lugar, criam uma poesia dançada sobre a realidade de

quem vive em centros urbanos, que muitas vezes, na correria, passa despercebida.

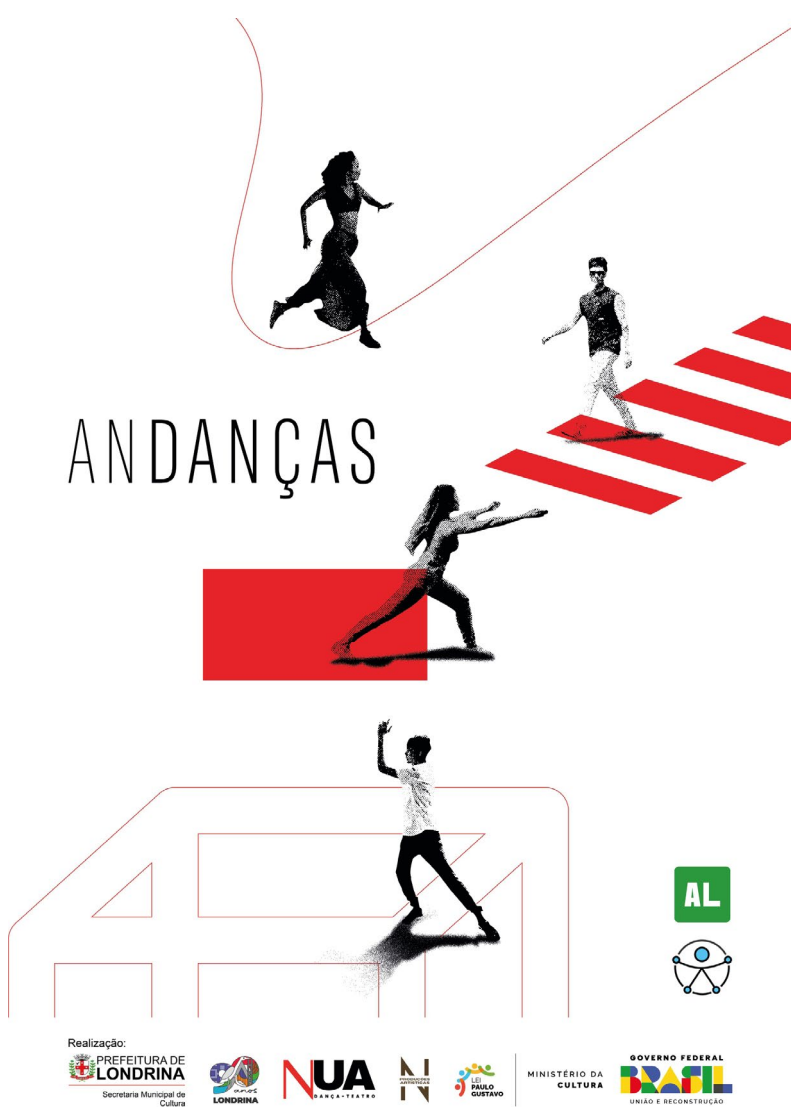
Este projeto realizou exposições ao ar livre em duas importantes feiras londrinenses, a Feira Gastronômica Central, na Concha Acústica e a Feira da Praça (CH Luiz de Sá) na região norte da cidade. Além disso, o curta foi selecionado e exibido da 26ª Kinoarte Festival de Cinema e também selecionado para a Mostra Arte.On de Curitiba.

Ficha técnica:

Direção e roteiro: Lucas Manfré. Intérpretes criadores: Thainara Pereira, Gabriel Paleari, Náthali Abatti e Lucas Manfré. Designer: Maria Laura Farinha. Música: Marco Padovez

Filmagem e edição: blumin films.

Realização: Cia Nua e N Produções Artísticas LTDA
Patrocínio: Lei Paulo Gustavo e Ministério da Cultura - Governo Federal, através da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina (Londrina 90 anos).



«O Conto de Paredes Trincadas» se destaca como uma peça que representa um espaço marcado pelo caos externo em um refúgio de humanidade e afeto. A imagem da casa com paredes trincadas e suas memórias, traduzem a luta pela existência e resiliência, enquanto os encontros cotidianos fortalecem movimentos de resistência e sobrevivência. A riqueza das influências literárias de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, refletem a profundidade da dramaturgia e reforça o diálogo com as histórias e vivências de um universo brasileiro e latino-americano. O encontro entre literatura, dança-teatro e temas como memória e opressão criam um espetáculo que transcende a performance artística e convida à reflexão profunda. O espetáculo teve sua estreia em outubro de 2024, na “Andorinhas Mostra de Artes Cênicas”, produzida pela casa de cultura da Universidade Estadual de Londrina - Divisão de Artes Cênicas, e no mesmo mês realizou temporada independente na cidade de Londrina. Ficha técnica: Direção: Lucas Manfré Elenco: Gabriel Paleari, Náthali Abatti e Thainara Pereira Participação: Leia Abreu Iluminadora: Carol Vaccari Artista plástico: Chico Santos Figurinista: Alex Lima Cenógrafo: Tácito Cordeiro Designer: Maria Laura Farinha Realização: Cia Nua e N Produções Artísticas LTDA Apoio: DAC - Divisão de Artes Cênicas da UEL Patrocínio: PROMIC - Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina.



OFICINA DE DANÇA

COMO DANÇAR JUNTO

PARA CONSTRUÇÃO DE NOVOS AFETOS



COMO DANÇAR JUNTO PARA CONSTRUÇÃO DE NOVOS AFETOS oficina de dança-teatro

O projeto de oficina de dança-teatro realizada pela Cia Nua, busca proporcionar vivências únicas aos participantes, que são conduzidos em práticas de preparação do corpo para a dança, com alongamentos e aquecimentos, jogos coletivos e individuais para desenvolvimento da criatividade e reconhecimento do próprio corpo na dança, jogos criativos para elaboração de repertórios para criação e ampliação da imaginação e consciência corporal e jogos coreográficos, que buscam promover práticas de organização de partituras e coreografias pessoais e em grupos. O projeto acontece desde 2022 e seu intuito é promover encontros, na busca pelo compartilhamento de conhecimentos, através da relação entre dança, educação, saúde e bem estar. Esta oficina proporciona experiências corporais e artísticas com qualidade técnica e criatividade. Através do movimento, cada um desenvolve seu próprio corpo, sua inteligência, sua confiança, sua habilidade de se expressar e de se comunicar. A proposta da oficina, se baseia nas individualidades de cada indivíduo. Através de exercícios que estimulam a criatividade e ampliam o repertório dos participantes, são produzidos movimentos com intenções únicas e pessoais, que podem ser novamente acessadas, repetidas e ressignificadas para a criação de coreografias coletivas e individuais.

Nesta etapa do projeto (2024 e 2025), são atendidos estudantes da EJA

(Educação de Jovens e Adultos) da rede pública municipal de ensino de Londrina. São mais de 15 diferentes escolas que receberam o projeto entre os meses de junho e dezembro, sendo a maior parte dos participantes adultos e idosos. Paralelo a isso, o projeto também realiza atividades formativas com estudantes do ensino médio do Instituto Federal - Campus Londrina, entre os meses de outubro/24 à fevereiro/25, e serão atendidos em torno de 300 estudantes do I.F.

Equipe: Thainara Pereira, Lucas Manfré, Náthali Abatti e Leia Abreu. Designer: Maria Laura Farinha.

Edição de vídeo: Lucas Manfré

Realização: Cia Nua e N Produções Artísticas LTDA

Apoio: Secretaria Municipal de Educação de Londrina e Instituto Federal - Campus Londrina.

Patrocínio: PROMIC - Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina.

CONTATOS

43 998443774 @cia.nua

nua.dancateatro@gmail.com



AMANDA SAURY

do Colégio Civico Militar ÉRICO VERÍSSIMO de Cambé é 3° colocada no Estado do Paraná no Concurso de redação do Agrinho 2024



Pedagoga - Lia Kanarshi

Amanda Saury

Professor João Thiago

O Programa Agrinho

Agrinho é o maior programa de responsabilidade social do Sistema FAEP, resultado da parceria entre o SENAR-PR, FAEP, o governo do Estado do Paraná, mediante as Secretarias de Estado da Educação e do Esporte, da Agricultura e do Abastecimento, da Justiça, Família e Trabalho e do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo, bem como com a colaboração das Prefeituras municipais e diversas empresas e instituições públicas e privadas.

O Programa completa 26 anos de trabalhos no Paraná. Concebido em 1995, foi à campo em 1996, levando às escolas da rede pública de ensino uma proposta pedagógica baseada em visão complexa, na inter e transdisciplinaridade e na pedagogia da pesquisa. Anualmente, o programa envolve a participação de aproximadamente 800 mil crianças e mais de 50 mil professores da educação infantil, do ensino fundamental e da educação especial, estando presente em todos os municípios do Estado.

Criado com o objetivo de levar informações sobre saúde e segurança pessoal e ambiental, principalmente às crianças do meio rural, o Programa se consolida como instrumento eficiente na operacionalização de temáticas de relevância social da contemporaneidade dentro dos currículos escolares. Especialistas altamente qualificados, de renome nacional e internacional, de diversos grupos de pesquisa que trabalham em rede, fundamentam as informações que compõem o material didático preparado com exclusividade para o Programa. Pelo incentivo à pesquisa, defende-se uma educação

crítica, criativa, que desenvolva a autonomia e a capacidade de professores e alunos assumirem-se como pesquisadores e produtores de novos conhecimentos. Desde seu início em 1996, os professores e alunos recebem com entusiasmo e dedicação as atividades do Programa Agrinho, a cada ano, esse trabalho vem se superando em qualidade e criatividade.



Amanda Saury e a Diretora Luzinete Vilela

Confira a redação

A tecnologia como semente para um novo futuro

O filme "O menino que descobriu o vento" retrata como a construção de um moinho de vento conseguiu mudar a produção agrícola de uma comunidade rural, ainda que com o uso de tecnologias primitivas. Para além do viés cinematográfico, a situação se reflete no contexto hodierno, dado que a implementação de tecnologia no campo garante a inclusão de trabalhadores rurais e o aumento da sustentabilidade agropecuária.

Primeiramente, é importante destacar como o uso de mecanismos inovadores se mostra essencial para a reintegração ao mercado de trabalho de profissionais ligados à agricultura. Com o advento da Revolução Industrial, por exemplo, tais trabalhadores foram destituídos de seus cargos devido à grande demanda de trabalhadores nas cidades. Por outro lado, a chegada da automação ao meio rural tem-lhes garantido novas oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, condições laborais mais satisfatórias.

Ademais, o meio ambiente por meio desses mecanismos também é favorecido, visto que a tecnologia estabelece uma maior sustentabilidade. Assim como defendido pela ativista ambiental Greta Thunberg, os descuidos ecológicos para com o solo e os recursos hídricos tendem a tornar os meios naturais improdutivos. Felizmente, a inserção da ciência no campo permite maior conscientização quanto a biotecnologia e, inerentemente, sua aplicação na preservação dos recursos naturais.

Nesse sentido, torna-se evidente o uso da tecnologia como um mecanismo de suma importância, tanto na garantia de maior valorização salarial dos trabalhadores rurais e na construção de um mercado de trabalho mais amplo, quanto na preservação do planeta Terra, controlando crises climáticas e estabelecendo um uso consciente e sustentável dos recursos naturais oferecidos ao homem.

O TEMP O ESTÁ NAS TABU AS



ÀS MARGENS DAS MARITACAS

A CASA ROSA DA ESTRADA



UMA CASINHA

SOLITÁRIA À ESQUINA

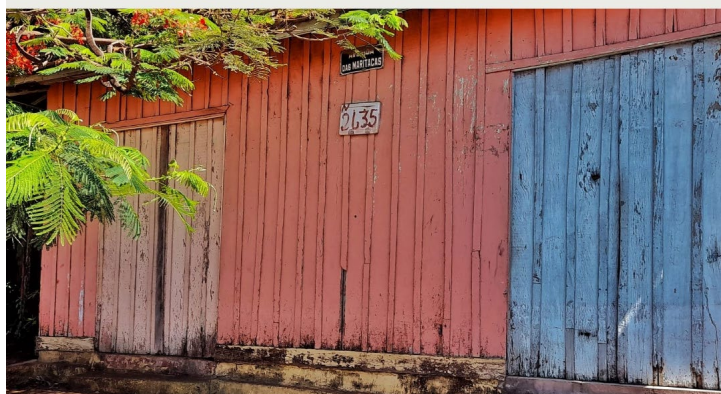


A Avenida das Maritacas, liga a área urbana do município de Londrina à área rural. Nasce no Parque das Indústrias Leves e termina na Estrada Das Três Figueiras.

E é nas imediações do Conjunto Lindóia, na zona leste da cidade, que encontramos à margem da Avenida, essa construção tão peculiar e resistente ao Tempo.

As telhas francesas vermelhas cooncorrem com o rosa do óleo das madeiras e a copa do Flamboyant que sombreia o asfalto.

As suas portas amplas voltadas para a calçada da rua, indicam um ponto comercial. Um bar talvez? Não sei. Essa memória não me pertence.





HISTÓRIAS DA VELHA CASONI

@street_photos_ac_lopes

A Rua Caraíbas, na Vila Casoni, é conhecida por suas construções dos anos de 1930 e 40, ainda resistentes ao tempo. Por hábitos ainda de vila de cidade do interior. Botecos, sacolões, bancas, sapatarias e muitas histórias de moradores que ajudaram a construir a história de sua vila, e, de Lonrina.

POR ANDRÉ CAMARGO LOPES



AC.
LOPES

A vila Casoni exerce um fascínio muito sobre mim. Cresci escutando as histórias de meu pai. Suas aventuras pelas ruas da velha e boa Casoni. Frequentemente, me encontram pelas ruas desta vila, fotografando a arquitetura, os moradores e seus hábitos.

Em uma de minhas pesquisas fotográficas, em 2018, conheci o senhor José Ribeiro da Silva, um barbeiro simpático da Rua Caraíbas

dentro barbearia da

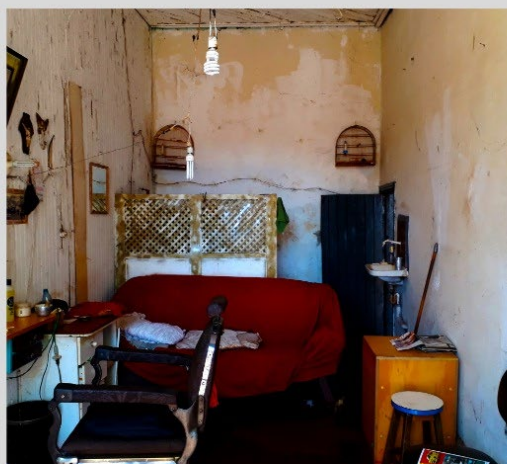


Simpático, autorizou-me retratar seu estabelecimento, até posou. Contou-me a história do prédio em que atua. Disse-me que havia sido construído há aproximadamente 70 anos, e que aquela porta sempre voltou-se para o mesmo ofício, a barbearia. Apontou-me que o primeiro dono havia mandado gravar seu nome em relevo na fachada, utilizando cimento. Relevo esse apagado pelo segundo proprietário.


@street_photos_ac_lopes

olhar em detalhe

Os espaços revelam suas intimidades. Cada objeto, cada detalhe, revelam uma escolha um olhar sobre a vida.



o olhar fotográfico é exploratório. Se atenta ao detalhe, aquilo que uma visita passageira jamais indentificaria.



Há mais de cinquenta anos no mesmo ponto, mostrou-se um profundo conhecedor do espaço, falou-me que esse prédio, e a construção em frente, seriam as primeiras construções em alvenaria daquela rua. Que um dos proprietários buscava os tijolos em Jataizinho, ia de charrete puxadas por mulas. Era um outro tempo, estrada ruim, transporte precário e de "rodas duras" como disse. Saía de manhã, ainda de madrugada e voltava com o material de tardezinha. Isso durou todo o período de construção. Ainda sobre a construção desses prédios, afirma serem feitos de tijolo maciço e saibro, e enfatiza: "Não há uma rachadura". Em suas memórias do espaço, ainda informou que os filhos ainda tomam conta daquele espaço, residem lá, ao menos os dois dos onze irmãos daquela família.

@STREET_PHOTOS_AC_LOPES

VILA CASONI

SUA PLATAFORMA STREAMING GRATUITA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

Filmes para combater a desinformação e as fake news, reforçando a democracia e as conquistas sociais.

Cadastre-se

"Amanha" de Marcos Pimentel - Foto: Gabriela Mota



FATOGUIA

Fatoflix lhe orienta com vídeos curtos sobre os filmes que você deve assistir na atual conjuntura.



ASSISTA QUANDO E ONDE QUISER

Nossos conteúdos em qualquer dispositivo, a qualquer momento.

<https://fatoflix.com.br/>

Criamos a Fatoflix em agosto, com o apoio do Fórum 21, a plataforma de streaming gratuita do campo democrático-progressista.

A extrema-direita saiu na frente, desde 2016, e está fazendo um estrago profundo com o streaming dela, que você conhece. É desinformação e guerra cultural na veia.

Fatoflix é o nosso embrião de resistência com filmes, documentários e séries dedicados à formação cultural, política e à organização coletiva.

Temos que nos unir num esforço muito grande para viabilizá-la.

Veja bem, você não precisa como pessoa física dar apoio financeiro: o que Fatoflix precisa de você é sobretudo o seu apoio e aval político junto a entidades profissionais, instituições e empresas parceiras que possam colaborar.

Veja se você poderia fazer o seguinte:

1. Se inscreva, conheça o acervo da Fatoflix (e também os MiniCursos com filmes temáticos,

Cine Clubes Digitais nas periferias etc etc) e nos dê sua opinião e sugestões etc;

2. Indique a Fatoflix para a diretoria de instituições, entidades e empresas parceiras da sua área de relações e influência - e nos envie em seguida os contatos delas para darmos prosseguimento aos encaminhamentos;

3. Não deixe de nos dar retorno logo que possa para concretizarmos juntos essas e outras formas de viabilização da Fatoflix.

O cinema de qualidade por streaming não é nenhuma "bala de prata" mas faz a diferença no enfrentamento da extrema-direita tanto no curto e médio prazos como sobretudo em 2026.

Ficamos à espera.

Contamos com você.

Muito obrigado.

Carlos Tibúrcio, pela equipe da Fatoflix.

Por Caroline Vale

<https://catracalivre.com.br/educacao/livros-revistas-usp/>

USP oferece centenas de livros e revistas para download gratuito

Aproveite gratuitamente mais de 900 livros oferecidos pela USP em diversas áreas do conhecimento; saiba como acessar

A Universidade de São Paulo (USP) oferece para baixar de graça mais de 900 livros em formato digital, cobrindo uma ampla gama de áreas do conhecimento. Desde temas como engenharia, saúde, educação, até turismo e arquitetura, os livros estão acessíveis a qualquer pessoa interessada. Além de mais de 900 livros, a USP também oferece acesso a mais de 7.400 publicações internacionais de 60 países, que incluem jornais, revistas acadêmicas e outras mídias. Como acessar?

Não é necessário ser aluno da USP para aproveitar essa oportunidade, pois qualquer pessoa interessada pode acessar o vasto acervo de conhecimento disponível.

Abaixo, confira o que encontrar em cada uma das plataformas da USP:

Portal de Livros Abertos da USP

Inaugurado em março de 2016, o sistema do Portal de Livros Abertos da USP está sob a gestão da Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais (ABCD). O sistema é semelhante ao das Universidades de Stanford, nos Estados Unidos, e Simon Fraser, no Canadá.

Com mais de 900 títulos publicados, destaca-se o volume 3 de “Crônicas para ler e ouvir”, uma leitura leve composta

por textos de alunos da disciplina de Radiojornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Sob a administração da equipe da Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais (ABCD) da USP, abrange publicações de diversas áreas do conhecimento, como Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra/Engenharias, Ciências Humanas, Ciências Humanas Aplicadas e Linguística, Letras e Artes.

Todas as revistas são de acesso aberto e contêm o texto completo dos artigos. Clique aqui para acessar a plataforma.

Além disso, apresenta coleções, como a “Coleção Botânica”, “Coleção Mitos da Pós-Modernidade”, “Coleção Museu Aberto e Estudos da Ásia”. Conheça todos os livros do catálogo e os lançamentos clicando aqui.

Portal de Revistas da USP

Desde 2008, concentra uma biblioteca digital com centenas de revistas publicadas por diversas unidades de ensino e pesquisa da Universidade.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#31

LITERATURA



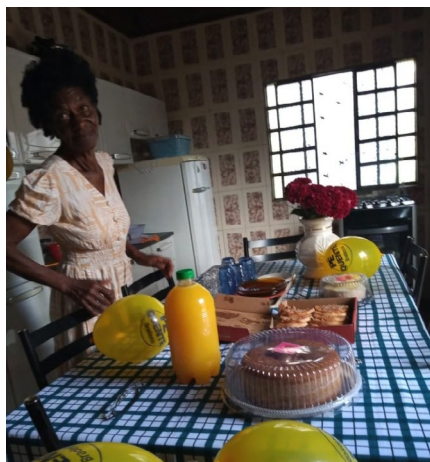
Caderno de

LITERATURA

Em memória a escritora
Maria Helena de Oliveira Morais

#31





Maria Helena de Oliveira Morais

Nasce em 10/07/1943 na cidade de Ourinhos/SP e torna-se “Eterna”, no dia 05/12/2024 na cidade de Londrina/PR

Sua benção, sempre, Dona Maria Helena, cheia de graça, música, versos e sorriso fácil. Mulher Negra, poetiza e cantora amadora que já integrou o coro da UEL (Universidade Estadual de Londrina), filha de Maria de Oliveira com Horácio, homem que andava nas linhas de ferro como ferroviário e nas casas noturnas como músico em Ourinhos, São Paulo.

No ano de 1958 vem para Londrina e de Ourinhos traz o Ouro de sua voz e as poesias, e aqui com Noé construiu sua Arca onde colocou sua família, os filhos Aldo, Clodovil, Walkiria e Gislaíne e agregados, Noé trazia no sangue o Nordeste Brasileiro com seus ritmos e lutas e descansou em 1977 deixando um legado de filhos honestos e honrados.

Dona Maria Helena com seus 4 filhos foi mãe e pai, primeiro no Bairro Cervejaria, depois no Pindorama e no conjunto Ruy Virmond Carnascialli. Mas é na Avenida Igualdade que Dona Maria Helena faz sua história, no dia a dia, no exercício e no ofício diário de organização das festas populares, aqui falamos de Carnaval, Festas Juninas, Cosme e Damião e dia das Crianças, e também da produção literária através da publicação em 2019 da revista Memória da Mulher Negra Londrinense uma pesquisa realizada sobre 40 mulheres negras de Londrina que foram importantes para o desenvolvimento social, cultural e comunitário nas 4 regiões da cidade e nos distritos. Contribuindo com a aplicação da Lei Federal 10.639/03, que trata da Cultura de matriz Africana.

Em 1998 na Avenida Igualdade, 102, Aldo e Clodovil, que trazem a Cultura no sangue e na alma, fundaram o Instituto Cultural Arte Brasil que tem como compromisso a finalidade de realizar projetos artísticos, culturais e educativos como o premiado projeto Batuque na Caixa, reconhecido no Brasil e em diversos Países pelo mundo afora.

com maestria, Dona Maria Helena de Oliveira Morais, siga sua viagem com a certeza de que o legado ficou bem plantado e com raízes fortes.

Dia 05 de dezembro de 2024, uma quinta-feira, esta data, marca nos 90 anos de Londrina-Paraná, o dia que a Avenida Igualdade, passa a chamar-se Avenida da Saudade.

Lançamentos:

Revista Memória da mulher negra londrinense (2018) PROMIC, lançado no teatro do Colégio Estadual Marcelino Champagnat

Livro minha cidade, meu bairro, minha vida (2019) PROMIC, lançado no Sesc Cadeião Cultural Londrina

Memória da mulher negra (edição nacional) 2021 PROMIC, lançado de forma virtual como ebook

RECONHECIMENTO:

Pontuação máxima nos 3 projetos do PROMIC

Prêmio culturas populares, concedido pelo Ministério da Cultura, 2019

Concedeu entrevistas para Folha de Londrina, portal bonde, blog Arte Brasil, Rádio Brasil Sul (programa nem mais, nem menos)

Participação na feira de livros do Festival Literário Londrix (2022)

Participação como convidada da Festa Literária Internacional da Colômbia (virtual/2022)

Apesar dos escombros, a poesia de Gaza



Foto: UNICEF/UNI448902/Ajjour

Via - OutrasPalavras - Poéticas por Muna Almassdar, Fatima Ahmad, Hiba Sabri e Rawan Hussain -Publicado 22/11/2024 às 18:15 - <https://outraspalavras.net/poeticas/apesar-dos-escombros-a-poesia-de-gaza/>

Um documento literário do genocídio: quatro jovens poetas palestinas tecem testemunhos sobre o terror cotidiano. Uma tenta contar a um tolo “onde o deus se meteu”. Outra, quer saber se é “possível comprar uma língua/ e um coração tranquilo?”

Em 2021, saiu por uma editora de Beirute uma coleção de poemas compostos em Gaza por diversas autoras e autores, em sua maioria jovens. Michel Sleiman e Safa Jubran, ambos professores do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, organizaram a sua edição brasileira, tendo coordenado o trabalho de um grupo igualmente jovem de tradutoras e tradutores.

O livro daí resultante, Gaza: terra da poesia, foi publicado pela editora Tabla, em 2022. Reproduzimos aqui quatro desses poemas, todos de autoria feminina, eloquente testemunho da catástrofe que se abate sobre o povo

palestino, documento literário do genocídio iniciado muito antes do terrível 7 de outubro do ano passado.

Os poemas são precedidos por uma breve nota biográfica das autoras, informação também constante dessa edição.

Muna Almassdar

(Escritora e poeta, bacharel em Literatura de Língua Inglesa pela Universidade de Alaqsa, na cidade de Gaza. Trabalha como tradutora e escreve artigos em árabe e inglês. Publicou as coletâneas poéticas Devolva meus passos e Porque eu temo a memória e uma coletânea de textos em prosa intitulada Horário. Muna diz que não se cansa de pesquisar sobre o sentido e a verdade.)

Joguinho

Quem apaga a guerra dentro de mim
e me empresta um pouco de esquecimento?
Quem redefine minha noite
e a dos rebeldes mais eminentes embaixo dos destroços?
Quem devolve nossos passos às calçadas
e devolve a elas seus nomes?
Há alguém que se atreva a beliscar minha bochecha
diante da falta de sono e da fúria do bombardeio?
Alguém aqui corajoso o bastante
para amaldiçoar a guerra escondida em nosso pão?
Alguma janela onde eu reúna as nuvens do fim do dia
e impeça a noite de dar os primeiros passos?
É possível comprar uma língua
e um coração tranquilo?
Quem sabe assim eu possa falar da carnificina
ou apagar, talvez,
o fogo da guerra dentro de mim.

Tradução de Alexandre Facuri Chareti

Fatima Ahmad

(Fatima, hoje uma senhora palestina da Faixa de Gaza, escapou várias vezes da morte. A primeira vez em que se salvou foi quando conseguiu fechar todas as suas portas para as sujeiras do mundo. A segunda foi quando o projétil atingiu suas costas e ali ficou alojado, enquanto outro arrancou um olho de seu filho e destruiu a casa em que moravam durante o ataque israelense ao campo de refugiados de Bureij, no final de 2008. [Este poema foi escrito] por Fatima logo após esses episódios [...].)

O calor da lua

Muitos se afogam nas profundezas do pensamento e exageram
a ponto de pularem de todas as janelas da razão
e se estabelecerem no limite do irracional
onde a vida assume outro rosto que alguns supõem ser
total loucura! E completamente do lado oposto
está a calma... a contemplação, a aproximação de si,
longe das perseguições da modernidade.
Saia de seu mundo e imagine
imagine... uma paisagem com mar,
Asas de gaivota seguindo a onda...
procure um espaço no qual você toca a linha do horizonte,
um quadro onde a lua esconde a timidez com um véu fino
tecido por mãos angelicais e sonhadoras que dizem:
dê-me um coração caloroso e tome uma mão calorosa.
Experimente quebrar seu celular tentando encontrar o orgulho do amor,
Experimente gritar com o mesmo ímpeto para sentir se ainda é humano,

experimente cantar para a terra e deixar o céu para o céu,
lembre sempre que você viveria numa terra que apertada
não fossem a paixão, a guerra e a loucura,
não fosse Gaza.

Aqui as ideias nascem livres em torno das flores de romã
e nas celas a ideia é enterrada viva.
Aqui em todo canto há um carcereiro
que come os ossos dos jovens e suas vidas
e até as tranças de suas amadas!
Que valor tem a palavra...
se tudo aqui está debaixo dos sapatos do algoz?
Levante-se, Handala,
não vire as costas, não cruze as mãos atrás,
seja nosso rosto novo.

Com seus dedos ensanguentados, toque suas últimas melodias e nos leve
até o começo,
atravesse seu olhar seus olhos covardes e faça tremer neles as almas vacilantes.
Você é a única verdade entre as paredes desgastadas...
Eles são ilusão do tempo, que se infiltra escondida nas rachaduras da terra,
linhas ilusórias que se dissolverão e desaparecerão com a espuma do mar...
Mas você permanecerá,
permanecerá entre nós como terra e chuva para as ervas do campo,
como gaivota para o mar, como vela para os barcos.

Tradução de Maria Carolina Gonçalves

Hiba Sabri

(Poeta nascida na cidade de Dair Albalah. É bacharel em análises médicas pela Universidade de Alaqa, em Gaza. Colabora com instituições culturais e participa da cena cultural emergente.)

Várias vidas na minha cabeça

Na vida anterior,
foi uma estátua magnífica
de um deus que desapareceu de súbito
sem avisar ninguém.
Disseram: tem de estar aqui em algum lugar.
Procuraram muito por ele,
mas ninguém o encontrou
e até hoje o procuram

Na próxima vida,
serei uma boa madrinha
para um poeta que não sabe como esconder as noites frias no bolso,
que desde as cinco da manhã trabalha moldando cimento
e forrando as rachaduras das mãos –
e pão quentinho

para as bocas que deixou para trás.
Muitas vezes
ele encontra a poesia enquanto chora
e se embriaga até o fim
e muitas vezes ele pensa:
O que faz um algoz agora?!

Entre a minha vida anterior e a próxima,
eu me sento aqui,
mulher em plena consciência,
apoiada em seus vinte anos,
que conhece o significado de ser deixada sozinha no meio da noite
sem saber como escrever textos longos –
ela conta ao psicólogo sempre.

Como era penosa a vida da estátua – permanecer calada o tempo todo –
e como será terrível a vida da madrinha,
tentando contar a um poeta tolo
“onde o deus se meteu”.

Mas no fim o psicólogo lhe prescreve
alguns calmantes e que pare de ler livros.

Tradução de Maria Carolina Gonçalves

Rawan Hussain

(Meu nascimento foi uma mera e longa espera por um dia em que eu me perguntaria por mim mesma sem obter uma resposta, na esperança de que um dia me ame como o amei. Sou Rawan Uthman Hussain, 24 anos, formada em Letras, com especialização em Literaturas de Língua Inglesa. Nasci em Rafah, cidade quente no sul da Faixa de Gaza)

Não fossem as máscaras das palavras
Temerosas,
as palavras saem de minha boca,
ocultando um significado retraído,
e suspendem o ser atrás do entendimento presumido;
violam o espírito de meus pensamentos,
turbam a transparência do cenário
e aproveitam a derrota do significado.
Mas as palavras enferrujadas permanecem soltas,
livres, covardes,
trêmulas, mentirosas.
E seu eu tivesse uma língua,
mastigaria a verdade
e a diria diante da timidez confusa.

Tomando com as mãos o que esperei
jogando para dentro de mim as criaturas que seriam,
não fossem as máscaras das palavras gastas;
eu sentada diante de minhas letras,
atônita,
muda.

Tradução de Maria Carolina Gonçalves

Literatura: As encruzilhadas dos cotistas

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/literatura-as-encruzilhadas-dos-cotistas/>

OutrasMídias

Poéticas

por A Terra é Redonda

Publicado 11/11/2024 às 18:4



Imagem: Reprodução/Agência Mural

Livro recém-lançado Jeferson Tenório retrata o duro cotidiano de jovens na universidade, diante de uma sociedade governada pela tirania do mérito. E, entre indignação e resiliência, cutuca as instituições de ensino: “Ninguém tinha me educado para o insucesso”

Por Luiz Marques, em A Terra é Redonda

A mais recente obra de Jefferson Tenório, *De onde eles vêm*, destaca as encruzilhadas contemporâneas e, em especial, as angústias experimentadas por jovens cotistas nas universidades federais. A personagem central do romance, Joaquim, lembra uma ideolágrima de Paulo Leminski: “1º dia de aula / na sala de aula / eu e a sala”. A dificuldade dos negros nas estruturas institucionais, dominadas pelo racismo, tem no conhecimento e na atividade intelectual apenas um paliativo para a estranheza – seu “lugar de fala” – na sociedade e na história.

A mobilidade social via educação formal crava novos espinhos na pele. “Então eu era colocado num lugar específico no imaginário deles: pobre coitado sem muita cultura, sem muita leitura, que não sabia falar inglês” (p. 26). Em face do incômodo sentimento, o desafogo aparece na providencial disciplina de produção de texto ficcional. A vocação literária funciona como o milagre operado pela imaginação para sublimar a violência, sem aviso prévio, da realidade. “Misturava passagens dos livros com acontecimentos da própria experiência, como se a literatura e a vida fossem a mesma coisa. Mas não eram” (p. 21). Neste ponto, a trajetória da criatura se confunde com a do criador.



“Não era possível que a síntese da minha vida fosse um ônibus lotado em meio a um calor insuportável de verão... Há de haver alguma beleza nessa vida fodida de merda, pensei. Fechei os olhos. Eu era um idiota tateando no escuro em busca de beleza num ônibus fedido... a caminho de Alvorada. Tive ali a consciência de que a beleza era a coisa mais imprecisa do mundo” (ps. 35-6). O pesadelo se passa no Rio Grande do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre. Não obstante, o relato transcende a topografia local, aplicando-se a qualquer polo urbano brasileiro na atualidade.

O custo para se deslocar até a capital é queixa constante dos estudantes. A pandemia do coronavírus e as enchentes agravaram o problema no território gaúcho. Uma justificativa econômica para o não comparecimento às aulas é recorrente. A pobreza é um fator incontornável da evasão escolar hoje. A prefeitura tem responsabilidade. Cortou o passe estudantil e espaçou os horários para a condução.

É comum a alusão ao sofrimento como a chave para a criação artística, na narrativa. Por exemplo, em um sarau que evoca um poema da folclorista e ativista afro-peruana Victoria Santa Cruz: “Tinha sete anos apenas / Sete anos, nada! / De repente umas vozes na rua / me gritaram: ‘Negra!’ / ‘Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!’ / ‘Por acaso sou negra?’ – pensei / SIM! / ‘E o que é ser negra?’ / ‘Negra!’ / E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia. / E me senti ‘negra’ / ‘Negra!’ / Sim / ‘Negra!’ / Sou / ‘Negra!’ / Negra / ‘Negra!’ / Negra sou!” (p. 86). A catarse denuncia a dor nos atos discriminatórios, “racista fdp”, sem o que não

existem os versos poéticos.

O sofrimento nunca mente; mas não o das circunstâncias superficiais ou fúteis. A tortura suscitada no silêncio das desigualdades. “Eu escrevo com o corpo”, exclama um angolano ao recusar a crença pueril e tola de que “a poesia é só uma coisa mental, como se o pensamento fosse superior à nossa fisiologia. Essa separação entre corpo e mente é tão estranha. Você não acha Joaquim?” (p. 202).

A noção do sofrer enquanto estágio para o desvelamento da verdade na forma artística devemos aos antigos, para os quais a melancolia produz a boa arte. Um produto em escassez na prateleira dos modernos, que voltam ao Éden nos shopping centers com um cartão de crédito platinum. Aldous Huxley, em Admirável mundo novo, faz o administrador retirar do panorama humano a arte para, juntamente, eliminar o sofrimento na sociedade: “Temos de escolher entre a felicidade e o que as pessoas costumavam

chamar de arte superior. Sacrificamos a arte superior". Sem arte, sem dor; e vice-versa. Aqui, a distopia equivale à perversão do gestor neoliberal ao calar os direitos sociais.

No meio dos livros

O texto de Jefferson Tenório não se furta de apresentar as críticas duras que ainda ecoam no campus universitário e na sala de professores: "Me sinto impotente diante da crueldade desse sistema de ensino (com cotas étnico-raciais). Querem tapar o abismo com um remendo. A história já condenou dolorosamente essas tentativas. Tínhamos que estar preocupados com a educação básica, e não colocar gente despreparada aqui dentro" (p. 42). O ceticismo recende o preconceito. As pesquisas mostram que, passados os primeiros sustos, os cotistas alcançam um ótimo desempenho nos cursos.

Inicialmente determinados assuntos são de domínio dos alunos normais; não para os excepcionais. "Eu mesmo pensava que as cotas eram uma espécie de esmola, sabe? Como se fosse uma facilidade para os negros, como se não tivéssemos capacidade de fazer uma prova como todos os outros. Mas eu entendi que não era bem isso. Entendi que não tinha as mesmas chances. Entendi, por fim, que um exame de vestibular não provava nada. Nada sobre minhas capacidades" (p. 133-4). Depois: "Não me via mais como intruso por ter entrado pelo sistema de cotas. Além disso, eu começava a me destacar nas aulas. O que me proporcionava respeito da parte dos colegas" (p. 85). Oxalá.

Joaquim especula o que sua avó poderia pensar dele sobre o desejo de ser escritor, projetando nela as dúvidas que igualmente o afligiam, no íntimo. "Olha, guri, a gente se fodeu a vida toda. Meus avós se foderam. Meus pais se foderam. A sua mãe se fodeu. Uma geração inteira se fodeu. Por séculos os negros se foderam pra que você chegasse até aqui. E agora é isso que você vai fazer da sua vida? Um curso de letras? Um curso que não vai ajudar os negros a sair dessa merda toda? Não se tornará um advogado? Um médico? Um engenheiro? Até onde você vai com isso?" (p. 61).

O poder não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também aquilo de que dependemos para existir e que abrigamos e preservamos nos seres que somos. "O modelo habitual do processo é – o poder se impõe sobre nós; enfraquecidos pela sua força, interiorizamos ou aceitamos seus

termos", sublinha Judith Butler que diseca o fenômeno dialético em *A vida psíquica do poder*. Sim, a "sujeição" é paradoxal. Artisticamente torna complexo o desejo dos sujeitos. Na política, converte a tática em uma estratégia duradoura e orgânica de aproximação com o Centrão, para amenizar as contradições.

Na leitura, epifanias agem à guisa de uma declaração de guerra sentimental à alienação do espírito. Vide o simbólico episódio da descoberta na faculdade de *As palavras*, de Jean-Paul Sartre, espécie de autobiografia da infância do filósofo francês. "Eu achava a minha religião: nada me pareceu mais importante do que um livro. Na biblioteca eu via um templo. Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros" (p. 64). "Acreditei com toda a força e sinceridade que os livros poderiam me salvar" (p. 135). O fato de Jorge Luis Borges ou Alberto Manguel não serem citados prova o cacoete eurocêntrico da academia, e o quanto prossegue distante do Sul global.

A receita da escrita é atribuída ao deus egípcio Theuth. Um paraíso para a memória e a sabedoria, apesar de o Faraó não se convencer e alegar não ser um remédio para a memória, mas simples ajuda para lembrar e que, ao revés da sabedoria, servia para estimular a presunção de sábio. Há muito os escritores debatem se a literatura tem algum efeito prático para mudar o mundo. As adversidades mostram que o debate está longe de terminar; a resiliência ao obscurantismo e negacionismo, idem.

O autor premiado com o Jabuti, em *O avesso da pele* (2020), entrega com *De onde eles vêm* um belo trabalho de final comovente numa sociedade governada pela tirania do mérito. "Ninguém tinha me educado para o insucesso. Ninguém havia me dito que na vida há poucas recompensas por sermos boas pessoas." (p. 187). As cotas não são suficientes para reparar 350 anos de escravidão. As entidades estudantis e as reitorias aos poucos tomam iniciativas para acolher melhor os cotistas e dar mais condições de que permaneçam na universidade. "Eu continuava me fodendo como todos os outros negros sempre se foderam. Aquele era o nosso destino" (p. 169). Será?

Leia o livro.

Luiz Marques é professor de ciência política na UFRGS. Foi secretário estadual de cultura do Rio Grande do Sul no governo Olívio Dutra.

Úrsula Alonso



Monte herido
Han derribado el monte.
De luces y muros
está hecho el paisaje.
Vivimos a un metro del pasado
y a dos de lo que vendrá mañana:
siempre fuimos atemporales.
Muy cerca
el impacto del filo sobre el leño
resuena en la noche
entre ladridos
y el canto
de las últimas aves.
Mi padre carga
un puñado de leña
y se detiene por un instante;
los dos miramos lo mismo,
en un diálogo mudo
de esos que sostienen
los grandes amigos:
allá lejos
las luces seguirán estallando,
mientras acá
las luciérnagas
nos alumbran todavía.
Desde lejos
el asfalto
amenaza con cubrirnos:
que venga,
las raíces
pueden más que el cemento.

con una garúa
para que las luces
se apagaran.
Las noches de lluvia
eran un baile de siluetas.
Madre renegaba
por las letanías
de lo incivilizado.
Padre miraba
primero a la siembra,
después al cielo
y en silencio agradecía
a un dios
que siempre supo escucharlo.
Yo era una guarida
donde todas las luciérnagas del mundo
querían posarse.
Hoy han pasado
tantos años;
mi hogar es un edificio
en medio del cemento.
La lluvia besa
las calles que camino:
pero en la ciudad
la lluvia y el cemento
no se funden,
nadie agradece,
todos se quejan
y yo soy ahora
una guarida
sin luciérnagas:
qué extraña fortuna
saberme lejos
de la noche inmensa.
Antes me entregaba al temblor:
hoy la sombra
es tan solo
la cara más joven
que tiene el miedo.

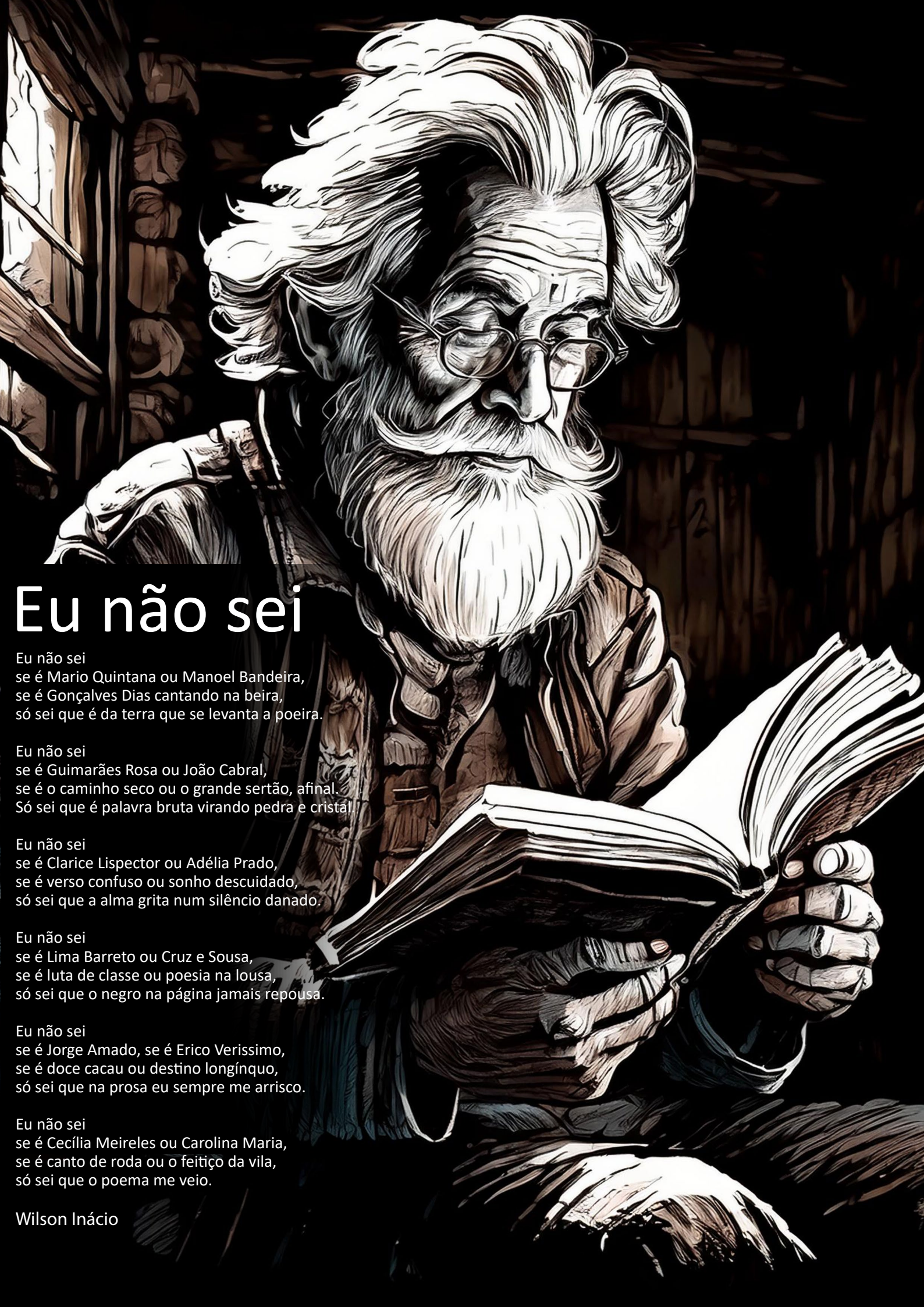
Familia

La diferencia también puede ser un privilegio: antes de condenar a las ovejas negras del mundo debimos preguntarnos cómo eran sus rebaños.



Úrsula Alonso nació en Gualeguay, Entre Ríos, en 1994. Es poeta, Profesora en Lengua y Literatura, Licenciada en Letras y Bibliotecóloga por la Universidad de Buenos Aires. Publicó una plaquette de cuentos titulada *Los que no ven* (2014) y tres poemarios: *El reino de las agujas* (2019), *Garúa* (2021) y *Desmonte* (2022). Durante su infancia empezó a escribir, como si fuera un juego, relatos breves y canciones que luego entendería que eran poemas. Llevó adelante proyectos de poesía

audiovisual como *Textos virales*, y de poesía oral a través de los ciclos *Mercurio* (Buenos Aires) y *Surco poético* (Entre Ríos). En 2022 realizó una residencia de escritura en la Asociación Traductores del viento, radicada en Bustarviejo-Madrid. Actualmente se encuentra trabajando en un poemario iniciado durante aquella residencia, titulado *Los mapas del viento*, y en una crónica de viajes, con título homónimo.



Eu não sei

Eu não sei
se é Mario Quintana ou Manoel Bandeira,
se é Gonçalves Dias cantando na beira,
só sei que é da terra que se levanta a poeira.

Eu não sei
se é Guimarães Rosa ou João Cabral,
se é o caminho seco ou o grande sertão, afinal.
Só sei que é palavra bruta virando pedra e cristal!

Eu não sei
se é Clarice Lispector ou Adélia Prado,
se é verso confuso ou sonho descuidado,
só sei que a alma grita num silêncio danado.

Eu não sei
se é Lima Barreto ou Cruz e Sousa,
se é luta de classe ou poesia na lousa,
só sei que o negro na página jamais repousa.

Eu não sei
se é Jorge Amado, se é Erico Verissimo,
se é doce cacau ou destino longínquo,
só sei que na prosa eu sempre me arrisco.

Eu não sei
se é Cecília Meireles ou Carolina Maria,
se é canto de roda ou o feitiço da vila,
só sei que o poema me veio.

Wilson Inácio

MADUREIRA, UM REDUTO ANCESTRAL

Wudson Guilherme de Oliveira

Domingo é dia de piquenique no “Parque Madureira”, com o meu moleque Piye e minha caçula a princesa Makeda. Mas para chegar lá, temos que sair de casa bem cedinho para aproveitar o dia com um sol lindo no céu.

Esses passeios com as crianças me fazem recordar, dos meus programas nos finais de semanas com a minha saudosa mãezinha. Onde eu contava as horas para a chegada do domingo, para podermos conhecer novos lugares e andarmos de trem, bonde e barca.

Passeios esses, sempre muito cheios de brincadeiras, como por exemplo, peteca, bola, amarelinha, pega-pega e outras, sempre com muitas gargalhadas e muitas guloseimas.

Minha mãe levava sempre uma bolsa repleta de frutas, sucos, água e muitos quitutes, como por exemplo, acarajé, cuzcuz, acaçá, pé de moleque, mungunzá, cocada puxa-puxa entre outras iguarias.

Certa vez, em uma manhã de domingo, acordamos ao alvorecer para irmos para a “Quinta da Boa Vista”. O trem avariou quase em Madureira, e para animar a viagem, ela começou a me contar algumas histórias dela nesse subúrbio carioca.

- Sabe meu xodó...! Eu conheci o seu pai no “Baile Charme do Viaduto de Madureira”...! Um lugar maravilhoso para dançar...! Cheio de diversidades... Ancestralidades e cultura...! Em uma semana antes do carnaval.

- Mãe essa história eu não sabia.

- É meu amor...! Durante muito tempo... Eu fui passista do G.R.E.S. Império Serrano...! Em uma noite ao sair do ensaio... Fui para o Baile...! Lá conheci o seu pai...! Que se gabava por ser “Mestre-Sala” do G.R.E.S. Portela.

- Mãe...! Portela... É aquela “Escola de Samba” que tem uma “águia”...?

- Isso mesmo...! Ele adorava se amostrar... Só porque era “Mestre-Sala”...! Ele gostava de um fuzuê...! Mostrava sua ginga no samba... No jongo e na capoeira...! Sinto falta dele...! Ele encantava todos com o seu axé...! Mas a mim... Ele cortejou meu coração. Quando você era picorrucho...! Ele te levava para tudo...! Mas infelizmente... Ele fez o “retorno para a massa de origem”... E...!

- Mamãe não chora...! Que quando eu crescer... Vou contar essas... E muitas outras histórias... Para meus filhos.

Hoje Makeda e Piye já conhecem essa e muitas outras histórias e causos de seus avôs e de seus outros ancestrais afro-diaspóricos, histórias que aconteceram em Áfricas, como as muitas histórias dos Povos Bantu, assim como, outra ocorridas na Baixada Fluminense e em Madureira, um reduto da cultura negra ancestral.

Glossário

Acaçá - Bolinho agridoce da culinária afro-baiana feito tradicionalmente com milho branco e, às vezes, vermelho.

Acarajé - Espécie de pão ou bolinho da culinária afro-baiana preparado tradicionalmente com a massa obtida de feijão-fradinho ralado.

Ancestral – Antepassado; ascendente, do bisavô para trás. Para o africano, o ancestral é importante e venerado porque deixa uma herança espiritual sobre a Terra.

Ancestralidades – Uma relação, um estado ou particularidade do que é ancestral (que remete aos nossos antecessores e antepassados), que consiste na produção e dimensão da memória.

Axé - Palavra de origem iorubá que, em sua significação filosófica, significa a força que permite a realização da vida.

Baixada Fluminense – Regiões periféricas, municipais e cidades do estado do Rio de

Janeiro.

Caçula – O mais novo dos filhos ou dos irmãos. Do quimbundo kasule, último filho.

Capoeira - Técnica corporal de ataque e defesa desenvolvida no Brasil com base em fundamentos introduzidos por escravizados bantu.

Cocada-puxa-puxa – Doce de coco ralado com consistência um tanto pastosa e grudenta.

Cuzcuz - Iguaria de origem africana, doce ou salgada, presente, com variações de ingredientes e preparo, em diversas regiões brasileiras.

Fuzuê – Confusão ou festa. Do quicongo fuzu, turbilhão nas águas de um rio.

Ginga – Tipo de movimento corporal que organiza a movimentação inicial e principal no jogo da capoeira. A ginga também está presente no futebol e na dança.

Jongo – Um tipo de dança de umbigada, onde os homens e mulheres sapateiam, alternadamente, ao centro de uma roda.

Makeda – Nome dado em homenagem a rainha de Sabá, o significado do nome de origem etíope é “grandiosa”.

Moleque – Garoto. Do quimbundo muleke (garoto, filho).

Mungunzá - Que designa uma espécie de mingau ou papa de milho, é derivado do quimbundo mukunza. Também, papa de milho verde.

Passista – Aquele ou aquela que dança muito bem o samba, no qual executam coreografias espontâneas e individuais, principalmente nos desfiles das escolas de sambas.

Pé de Moleque - Guloseima da culinária afro-brasileira, feita com rapadura e amendoim torrado.

Picorrucho – Um modo carinhoso de chamar uma criança.

Piye - Nome dado em homenagem ao faraó negro do Egito, “Piye” foi um faraó de origem cuxita e o segundo da XXV dinastia egípcia.

Povos Bantu – Um conjunto de povos que são encontrados historicamente em um extenso território localizado na África Central, onde geograficamente se originou na Nigéria e posteriormente se estendeu para outras áreas de modo diaspórico, para determinados países localizados no Continente Africano (OLIVEIRA, 2021, p. 414).

Quitute - Vocábulo da tradição afro-brasileira que corresponde a uma iguaria delicada, a um prato bem-feito.

Samba – Tipo de dança brasileira. Do quioco samba (brincar, pular como cabrito).

Xodó – Amor.

Bibliografia

LOPES, Nei. Novo dicionário banto do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

OLIVEIRA, Wudson Guilherme de. Entre a ética e a tolerância: Relatos de experiências sobre as possibilidades da afroperspectiva para a decolonialidade. In:

MELO, Diogo Jorge de. SANTOS, Luane Bento dos. ROMEIRO, Nathália Lima.

RANGEL, Thayron Rodrigues (Orgs.). Repensar o Sagrado: as tradições religiosas no Brasil e sua dimensão informacional. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2021, p. 405- 420. (Selo Nyota).

MINIBIOGRAFIA

WUDSON GUILHERME DE OLIVEIRA

Orcid: orcid.org/0000-0003-1806-9244

Lattes: lattes.cnpq.br/4698701035932386

E-mail: wudafrica@gmail.com

Mestre em Educação pelo PPGEDUC/UFRRJ. Homem preto, ativista e afro-periférico, desenvolve vivências como professor de História, Filosofia, Sociologia e Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino de Jovens e Adultos – EJA. Palestrante, pesquisador, historiador, oficinairo e aspirante a escritor. Possui dezenas de artigos científicos publicados e tem se diversos contos publicados em antologias, como um modo de se conectar as ancestralidades em prol da equidade racial. Realiza de modo voluntário um “Projeto de sensibilização sobre a história africana, indígena e afro-brasileira através das literaturas nos espaços formais, informais e não formais de educação”.



KIANDA



Fernando Manuel Bunga

KIANDA

Nome da divindade aquática de Angola, etimologicamente a palavra vem do Kimbundo, uma das línguas nativas de Angola e podia ser traduzida como sereia. Reza a lenda que certo dia, enquanto a divindade contemplava a costa, avistou um pescador triste, provavelmente por um mau dia de pesca e não só, vendo o homem pobre, a divindade compadeceu-se e, numa tentativa de animá-lo, presenteou-o com um tesouro de inestimável valor. Ainda segundo a lenda, o homem não fez uso sensato das suas riquezas, deixou o egoísmo subir à cabeça, tornou-se avarento e, dá para acreditar que ele não abraçou sequer um único projeto social na sua comunidade carente?! vendo isso, a divindade ficou muiiito indignada, razão pela qual usou o seu poder para fazer o homem avarento perder todas as suas riquezas e jurou nunca mais ajudar, daí em diante, ela ficou indiferente a todo sofrimento humano. As mamãs da Ilha de Luanda, veneram essa divindade com oferendas e xinguilamento, o ritual tradicional chama-se Kakulu, na qual as mamãs usam trajes vermelhos e, numa tentativa de agradá-la jogam comida e bebida ao mar, espera-se moldar o seu coração endurecido com esse gesto e fazê-la demonstrar novamente afeto ao homem, que podia simbolizar o povo angolano. Mito ou verdade, espero de coração que um dia a divindade deixe-se moldar o coração e volte dar atenção ao povo desta terra rica que não tem sabido tirar partido das suas riquezas por conta da ganância de muitos dos seus filhos que dilapidam o erário para satisfazer os seus desejos, enquanto muitos compatriotas morrem de fome. Espero que a Kianda dê sensatez aos nossos dirigentes para que façam uma justa distribuição das nossas riquezas para que não falte nada na mesa dos angolanos, até lá...

Dia da Família –

Tem pouca comida na mesa,
mas serve pra todos

Fernando Manuel Bunga
Uíge, Angola

Fernando Manuel Bunga, natural da província do Uíge, em Angola, onde nasceu aos 4 de outubro de 1997. Amante da Cultura e Literatura Japonesa, dedica-se ao estudo e a prática de poemas de origem japonesa, com maior realce

para o haikai tradicional e o haibun. Autor de: O Enorme Imbondeiro, - mais conhecido como baobá, livro de haikai tradicional, disponível em www.bestiario.com.br

Vagner Xavier

O amanhecer está fantástico hoje

O amanhecer está fantástico hoje

A cor do céu está em perfeito degrade

Os pássaros continuam a cantar

As ondas se quebrando no mar

O amanhecer está fantástico hoje

E sempre está

Olhando por mar, continuo a sonhar

Olhe para o céu agora

Sinta a presença de Deus em todo lugar

O amanhecer está fantástico hoje

Vejo a beleza nas pedras

Vejo a beleza na grama

& nos animais

Nas plantas, nos minerais

O amanhecer está fantástico hoje

Veja o copo meio cheio

Veja a vida com otimismo e paz

Sinto sua presença no altar.



Ao Senhor Bispo

Flávio Freire



Senhor Bispo,

Não venho pedir que Vossa Senhoria interceda a meu favor na obra de culpa imerecida que me foi feita, mas que leia com o caráter cristão que eu sei que todo homem de Deus há de trazer consigo. Veja bem, santidade, eu não tive muita escolha. Sobrou-me a mim apenas a vontade de continuar vivo para pôr ao claro fatos ainda na escuridão da vida.

De um lado, a Rainha Segunda ordenou-me uma coisa monstruosa, para a qual não tive coragem de dar cabo. Tenho ciência de que fugi de minha obrigação de servo, desacatando uma ordem real. Por outro, não conseguiria carregar essa morte nas costas que tantas particularidades já sustenta e dormir o bom sono. Estou, destarte, implicado dos dois lados.

Minha mulher não me perdoa, porque as gentes do povoado acham que a miséria que ora nos aflige é flagelo da Rainha, consequência de sua ira por meu desacato. Há gentes passando fome, mas isso sempre houve e há de existir. Nunca fomos poupados, pelos reis, pela natureza, pela Igreja. Sempre não tem alimento para todos, nem dinheiro para o fazer. Porém, é mais fácil me inculpar do que ver o que acontece desde sempre com as gentes daqui. A sombra da Rainha está em todo lugar, nas plantações, nas criações, dentro de casa, no leito que se dorme, no pouco que se come e no quase nada que se pensa. Conhecemo-la muito bem, nós dois.

Outro fundamento tenho que ajuda na compreensão dos fatos. Tirar a vida a alguém já não é cousa boa e sensata. Contra uma jovem como aquela, feito porcelana, com idade ainda para viver tanta vida, usando modos violentos, seria um ato que não suportaria minha alma cristã. Não quero sujar minhas carnes com rasto de sangue tão imaculado. Outrora fiz muito serviço impróprio para a Rainha, que nem vaidade me dá de falar, mas dessa vez não fui capaz, Senhor Bispo. Por isso me maldizem de covarde. Covarde eu não sou. Já acuei cada bicho enorme, até bicho estranho de estranho nome, a mando da Rainha. Mas nessa inocente não tinha como por as mãos. Se eu matasse uma criatura daquela, iam me chamar de assassino, nem importa que fosse a mando da Rainha, mas iam me chamar. E assassino eu seria, com efeito.

De modo que não tenho por onde correr, pois os dois lados me evitam e me apontam. Recorro então a Deus por intermédio do Senhor Bispo. Ele há de ter sensatez na justiça do meu ato.

E ainda preciso confessar, e por ser confissão, deves prometer-me a reserva de seu ofício, a não ser para a pessoa em questão em quem tenho interesse de pôr à luz. Como o senhor sabe e já me viu muitas vezes a serviço do castelo, desde criança aprendi as maneiras da boa caça com meu pai, caçador dos melhores, e os modos de servir ao Rei. E por isso, cresci nas circunstâncias de proximidade com as crianças das várias cortes que amiudavam o castelo, inclusive o Senhor Bispo que ainda era moçoilo também. Conheci a Primeira Rainha desde essa temporada.

Uma vez crescidos, ela, rainha, e eu, servo, nos vimos pouco, até que o rei saiu para a guerra e fui nomeado para velar pela Rainha, tanto por minha estatura e bravura, quanto porque os soldados todos saíram à campanha. A peleja demorou mais do que todo mundo cria durar e a Rainha estava muito privada de outros cuidados que apenas proteção. Num dos passeios da Rainha, acabamos mais às singelas que de costume e eu não consegui resistir a suas virtudes. Fui fraco também nessa hora, Padre. Mas a perdição da carne, o encantamento da realeza, tudo se juntou naquele momento. Eu já ouvira histórias conforme essa, mas nunca lhes dei crédito. Outras vezes repetimos o acontecido, de modo que precisei me alongar dos serviços do castelo com medo de que descobrissem o embaraço em que me meti. Sei que o Senhor tem também seus embaraços e que os mantém tão em segredo quanto eu, porque é preciso sustentar certos mistérios no silêncio do tempo, até que não mais existam por terem outros tomado suas importâncias.

De modo que eu não poderia tocar numa criança que pudesse ser minha filha. Graças a Deus, ela saiu à beleza e graça da mãe, não carregando as marcas que levo de quem sustenta o mundo nas costas. Mas a miúda nem tempo teve de gozar em muito a vida com a mãe, que foi aos céus, bem cedo, deixando a filha aos cuidados que tomou o destino e à mercê da inveja da Rainha postiça e má, essa Segunda.

Agora, por dentro dos fatos, peço que reveles a ela, tão somente a ela, senhor Bispo, o motivo de eu tê-la poupado e estar agora em cárcere à espera do meu executor. Esse favor Deus não me pode negar. Mande as mais sinceras lembranças à minha filha, e certifique a ela que sempre lhe tive e terei muito apreço, ainda que isso me custe a vida.

Quem assina, O caçador.

Memórias no campo de várzea



Saíam do trabalho nas carreiras e rumavam para o campo de várzea. Às vezes, nem percebiam que guardado na mochila estava o mesmo uniforme sujo de suor do dia anterior, mas com isso, não se importavam. O importante era chegar ao campo de várzea e estar entre os amigos.

Eles se trocavam às pressas para garantir a escalação, pois quem se atrasasse um pouquinho, ia direto para o banco de reservas e corria o risco de não jogar naquela noite.

Quem esquecia as chuteiras ou não as tinham, pegava emprestado com o capitão o par extra de chuteiras do time. Estas, depois de usadas, eram devolvidas de pronto e prontas estavam para serem usadas por outro jogador no dia seguinte. Dureza era quando o jogador calçava um número maior que a chuteira ou quando o chulé impregnava o calçado...

Juiz ali era luxo. Tudo resolviam entre si.

Podiam até brigar, mas as brigas não ultrapassavam os limites do campo de várzea. Xingavam-se, empurravam-se, davam carrinhos e cotoveladas uns nos outros. Mas quando acabava a partida, a amizade retomava, ainda mais forte. Os “filhos da mãe” voltavam a ser apenas filhos para a alegria de suas genitoras e a paz reinava mais uma vez entre eles.

Às vezes, aquele mais inquieto que ficava no banco de reservas se levantava e começava a narrar o jogo, o que tornava as peladas mais divertidas. Corria de um lado para o outro do campo, arfando, narrando cada

detalhe, enquanto a arquibancada ia ao delírio com os lances narrados. A diversão era garantida e a descontração imperava entre narrador, jogadores e arquibancada. Quando alguém marcava um gol a alegria contagiava a todos do time, e neste momento todos eram um só.

No campo de várzea, ninguém tinha nome. Perna de pau, Ligeiro, Pente fino e Buchudinho eram alguns dos apelidos que faziam a alegria do pessoal que descia o morro para assistir às peladas noturnas.

Podia fazer chuva ou sol, mas dia de pelada no campo de várzea era “o dia”. Se algum jogador faltasse, tinham a certeza de que algo não ia bem.

Era um momento deles, que desde pequenos os mantinham unidos.

Cresceram, se casaram e tiveram filhos. O time havia se tornado uma grande família. Trouxeram os filhos para o campo e esperavam que os filhos trouxessem os seus.

E assim foi. Passados os anos, os pais viraram espectadores e os filhos jogadores, mas as memórias permaneceram por lá. Vivas no campo de várzea.

Minibiografia

Thais Castilho é servidora pública, casada e mãe de três filhos. Gosta de escrever contos curtos para revistas literárias. Publica seus textos no instagram [castilho2044](#) e no facebook [Thais Castilho](#)

Wilson Lirio

Desculpe
A casa tá suja
A casa é sua
Panela cheia
Velha mas, cheia

Não, não me venha com essa
Agora é tudo
Agora é tudo esquisito
Faz tempo que não minto

Erros, chão vermelho
Barrica d'água
No chão vermelho
Filtro de barro virou vaso
Para uma linda sambambaia que escorre no chão
Do banheiro de chão vermelho

Casa suja
Não vim para isso
Fale de você para mim
A casa amanhã acaba...
Nossa!
Nossa amizade já faz tempo

Rugas
Sua cara está enrugada
Suas mãos estão enrugadas
Mas vejo a paz em ti
Seus olhos ainda brilham

Varal no terreiro
Lençóis brancos bailam com o vento
Sua alma reflete como se fosse uma lâmina de água caída na pia iluminada pelo sol
Sua alma está alegre,viva

Eis a música, poesia alma Almada
Há amor ainda em ti

A casa está suja mas , e aí?!
Vim ver você e não a casa!
Vai!
Faz um café
Me dê um cigarro forte desse seu
Temos a noite toda para prosear

Bla Blah Blac Blac

Gatos flutuam pelos cantos
Forno de barro e um saco de lenha em cima da pia

Entre um gole e outro, lembranças que ficaram por contar agora



E agora, conte
Conte daqueles tempos antigos que ainda gosto de escutar

Casa
Me desculpe a bagunça da casa

Quero só te ver
Olhar por horas esse seu rosto
E escutar contos e cantos até que as velas que, em cima desse copo americano
emborcado se apaguem
E então, ver o dia amanhecer

Ei!
Escute!
Suuuuuuuu
Os passaros já acordaram
Mas...
Conte mais um pouco
Meu velho amigo velho

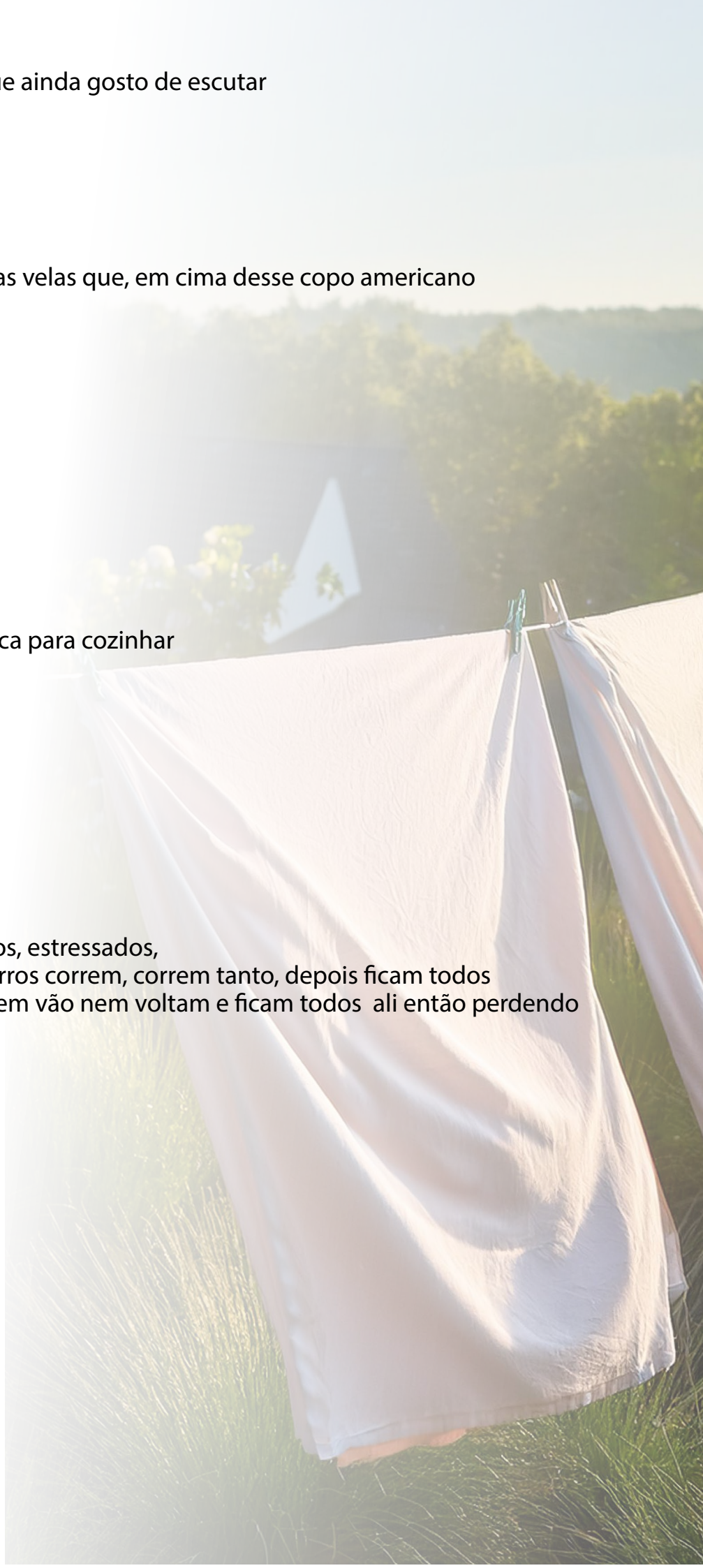
Conte, faça mais um café
Coloque aí uma porção de mandioca para cozinhar
Café com mandioca ...
Uuuuum
Que lembranças de infância

Vamos lá, depois do café
Tomar um banho no riacho
Nas terras de dona lalá
Tomar um banho a modi acordar
Caça um coelho qualquer
Pois a tardinha vou me embora
Embora para as terras dos atentados, estressados,
Informados, acelerados onde os carros correm, correm tanto, depois ficam todos
parados, perdem um tempão aí, nem vão nem voltam e ficam todos ali então perdendo
um tempão..
Povo do imediato.

Tô indo
Meu amigo então,
Como foi bão
Vê você
Tão bão e são

Meu velho amigo
Amigo velho
Inté outro dia então
Inté.

Poesias wilson lirio
Nome:Velho amigo velho
23-10-2024



A ARTE DA EVOLUÇÃO.

Ou seja
A cabine de som filma e, a imagem não sai

Fala sério!
Queria eu estar incrivelmente errado a ponto de estar certo
Todos estão calados e ao mesmo tempo murmurando
Tempo esse...
Que mundo é esse?
Deixaremos o que para amanhã?

Cachorros de rua não pensam no amanhã e os de madame, nem sequer pensam!

Flores para os mortos!
Mortos vivos
Vivos mortos
Comprem flores, comprem flores!
Ninguém sabe de mais e nem de menos
Praticam sem saber o que praticam
Fé, para os que fé tem
E a fé continua sozinha por que, os incríveis só andam com a religião

Fogo!
Fogo!
É, o fogo não avisa não...

Estou num quarto
Filmando um curta
A sala pega fogo
E todos morrem queimados pensando que era só ficção.

Filmei no escuro porque não queria ver quem seria filmado
Não queria ter imagem alguma

A arte é isso
Muito olham mas, poucos entendem e quase todos fingem gostar

Corro atrás do rebanho
Ferro e fogo nos bois
Mas, até eles precisam seguir e no final são marcados

Mas, arte da dinheiro
O boi da dinheiro
O rebanho tem a quem seguir
Mas o artista...
O artista só tem a missão de acreditar no que faz
Gosta do que faz
E no final, morre para que alguém amanhã ganhe.

A arte da visão é isso
Espelho da humanidade
Queremos todos ser iguais e no final falamos que somos diferentes aí, vem a arte...
Faz uma ficção com os humanos e todos de novo se reúnem em um quadrado em frente à uma tela quadrada para de novo assistir a mais nova, ficção.

No mínimo...
Estranho,
Somos estranhos

A arte de nos fazer ser o que não somos.

Poesias Wilson lirio

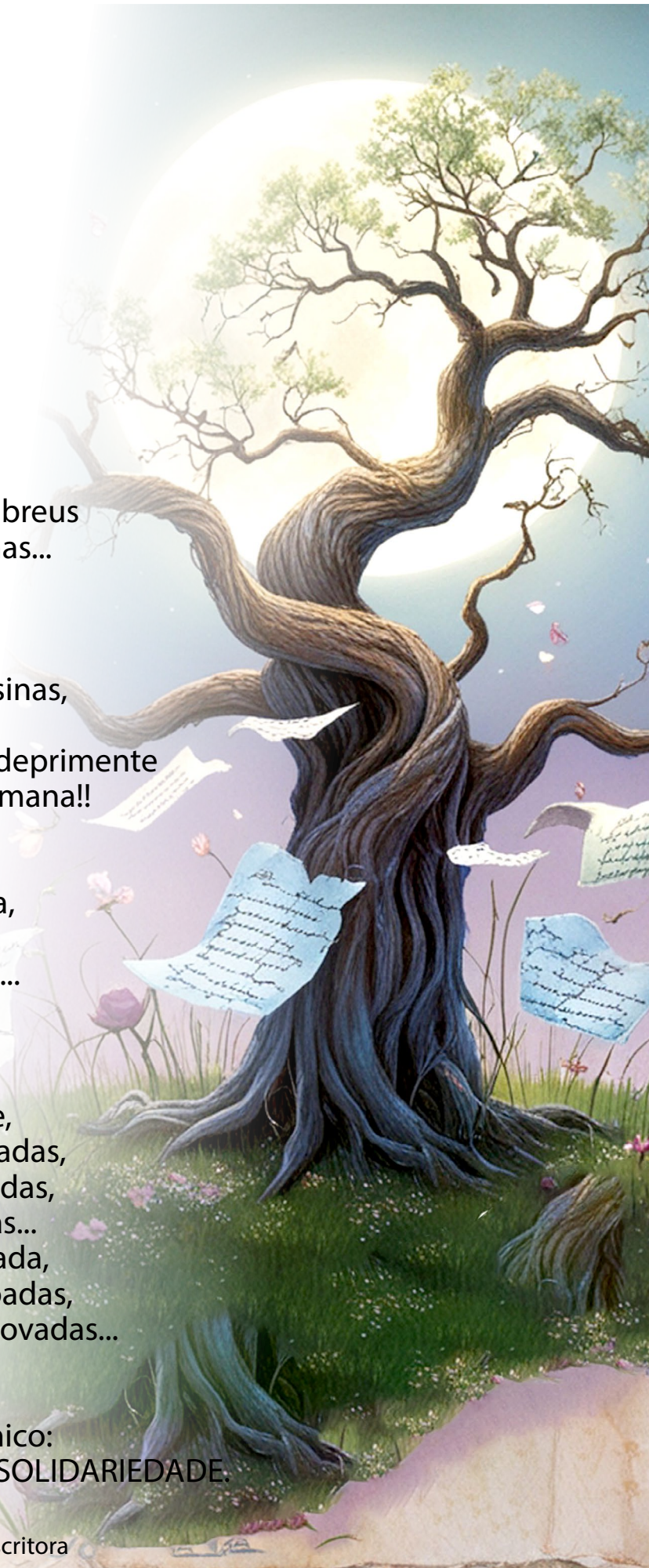
Sonho

Rosângela Mariano
São Leopoldo - RS

Sonhei com um
Planeta
sem dor,
sem desamor,
sem temor,
sem pavor...
Sonhei com um
Planeta
azul...
e não imerso em breus
de tristezas insanas...
Sonhei com um
Planeta
sem batalhas,
sem armas assassinas,
desumanas...
- Ah, espetáculo deprimente
da ignorância humana!!
Sonhei com um
Planeta
com pão na mesa,
mãos em prece
e olhos de futuro...

Sonhei com um
Planeta
de respeito verde,
violências silenciadas,
bombas desativadas,
cercas derrubadas...
... Ciência valorizada,
... Escolas abençoadas,
... Esperanças renovadas...
Sonhei com um
Planeta
de passaporte único:
o do AMOR e da SOLIDARIEDADE.

Instagram: marihanaescritora



O povo clama por justiça
Por Marcos Pontal

Com muitas irregularidades,
o povo sofre com injustiça.
Ignoradas por autoridades,
o povo clama por justiça.



Estratégias

Evandro
Valentim
de Melo

Ilustração - Wilson Inacio

Duas crianças insones adentraram a cozinha. Esmerando-se para preservar o silêncio reinante na casa ao abrir a porta da geladeira, Luana sorriu ao mostrar a Maria, sua prima, o conteúdo da vasilha com sobras de fígado bovino servido no almoço.

— 'Tá' doida? Não pode comer fígado de noite! – Alertou Maria.

— Por que não? Eu 'tô' com muita fome!

— A vó falou que faz mal comer umas coisas quando é de noite. Fígado não pode.

— Mas como é que lá dentro da barriga sabem se é de dia ou de noite?

Xeque! Estava plantada a dúvida na sabedoria dos mais velhos. Maria, igualmente faminta, hesitava se seria coautora da desobediência.

— Já sei! – Garantiu Luana, ao retirar da geladeira a vasilha.

Com as mãos, partiu em dois um grande bife, entregou metade à prima e ficou com o outro pedaço para si mesma.

— Vamos comer gelado? – Surpreendeu-se Maria.

— Claro, 'né'! Se esquentar vai espalhar o cheiro e acordar todo mundo.

Maria, ainda titubeante, segurava seu quinhão. A carapinha processava as variáveis: a proibição da avó de comer fígado à noite; o protesto de sua barriga a assegurar a fome que sentia; e, agora, ter de comer o bife gelado, para garantir perfeição ao "crime".

Luana, mais decidida, com a experiência do alto dos seus sete anos de idade, sem mais querer esperar para saciar a fome, deu uma piscadela à prima, olhou fixamente para o bife e externou:

— Maria, olha como o sol 'tá' lindo lá fora! - Segundos depois, devorou seu pedaço de bife.

A prima, convencida de que lá dentro da barriga acreditariam ser de dia, completou:

— 'Tá' mesmo! Vamos sair e brincar. – Igualmente, devorou seu pedaço.

Limparam as mãos e as bocas num pano de prato pendurado na porta do forno do fogão, até então imaculado (lá se vai o crime perfeito...). Devolveram a vasilha à geladeira e, com muito cuidado para não fazerem barulho, voltaram ao quarto. Sem fome.

Lagoa da música ao som do clarim

Cristian Canto

Não bastava vencer
Estava quase acabado
E quem sobrou embretado
Sem poder se mover
Ficou sem no que crer
Em meio àquele tendéu
No peito apenas o chapéu,
E a esperança em viver,
Mesmo sem antever
Qual resposta do céu.
Quem decide é o coronel
Lenço branco, chineleando
E se balaquiando
Da junção a granel
Era aquele escarcéu
Tudo atucanado,
De beijo virado
Goleados da canha,
Era Brasil e Espanha
De destino selado.
Pareciam égua veiaça
Negro Adão deu um berro:
Degolo e na água enterro!
De açoite e à faca.

Ergueu a adaga de prata:
Para animar, um voluntário!
Parou com o falário
E apontou pro do clarim
Assim lembrarão de mim,
Pois só farei o necessário.
Aquele tocador miúdo
Olhou com amargura
Em sua frente, a figura,
Do oponente ombrudo
Se sentido macanudo.
Se não tivesse amarrado,
Não esperava parado,
Pensava que de mano
Cano contra cano,

Mudaria o enterrado.
Só pensou, ficou calado,
Ali, apenas observando
A lâmina degolando
Antes ainda humilhado
Tudo junto acolherado
Observando a indiada
Na base da pancada
Caminhando lentamente
Passando em sua frente
Até o fim de sua jornada.
Pelear não era a intenção
Mas lutou na guerra
Sem força pra virar terra,
Pra orgulhar o patrão
E seguir o irmão.
Seria advogado,
Agora com veste acalcado,
Na mente a lembrança,
Sem qualquer esperança
Seria degolado.
Assistiu de camarote,
O pingar de sangue ele viu,
Foi guapo, não desistiu.
Firme esse rapazote,
Mesmo perto da morte

Seu clarim foi ouvido
Num ato atrevido
Como um sopro de vida
De uma canção comovida
E um final sem sentido.
Água rubra em mistura
De barro sangrento
Agarrado no tento
Percebeu a largura,
E também a altura
Do que nem assuntava,
Tampouco hexitava
Pescoço pra cima
Seria também sua sina
Agarrava e cortava.

Chegaria sua vez
Uns já infartariam
Pela coxilha fugiriam
Isso ele não fez
Dependendo da rapidez
Não sentiria dor
Apenas o odor
De morte no ar
Dificultando o respirar
E perdendo o valor.
Rezou à nossa senhora
Crendo na divindade,
Pois queria a amizade,
Da prenda de outrora
Do perfume de amora
Recorda da beldade,
Descrendo da piedade
Não teria futuro
O claro seria escuro
Sobraria a saudade.
Cruzou a fronteira
Com o seu instrumento
Da alegria ao lamento
Da farrá a choradeira
E de qualquer maneira,
O corte era certo
Não seria liberto
E se rapidez era tanta
Passava liso na garganta
E o talho era aberto.

Chegara o seu momento
Foi em firme marcha
Para ele se abriu cancha
De súbito movimento
A trilha de lamento
De seu lento andar
Sem tristeza, mostrar
Não se acovardou
Seu algoz, encarou,
Sem parar de tocar.

O peão do clarim
Que ali prometera
Depois que entendera
Que era mesmo assim
Teria início e fim
Seria curta a centelha
Até a lagoa que espelha.
Mas ouviriam seu som
E seria de bom tom
Tapar as orelhas.
Prometeu e cumpriu
Poucos se arriscam
Outros até falam
Chega dá um arpejo
Instrumento e assobiu
Tem cuera topador
E também trovador
Que fala das pescarias
Mas também das correrias
Do degolado tocador.
Paro por aqui.
Essa é a lembrança
De quando criança
Servia pra assustar
E por lá, não nadar
Me deixava com medo.
Eu fui, em segredo
Um lugar muy bonito
Já saí a base do grito
Em meio ao arvoredo.
As águas calmas
De canções eternas
Do tilintar das nazarenas
Na presença das almas
Com batida de palmas
De sangue e glória
Derrota e vitória
A lenda ficou
A canção não cessou
É a lagoa na história.

UM BALDE DE ÁGUA FRIA

Dias Campos



Quem já não teve uma ambição perseguida com ardor, um ideal por que valesse a pena lutar, uma paixão a que se entregasse por completo? E quem já não acabou sendo surpreendido com um balde de água fria derramada sobre tudo isso?

Pois esse infortúnio também aconteceu comigo.

Mas antes de contar o que houve, quero abrir um parêntese para afirmar que esse tipo de reviravolta tem raízes tão antigas que até os gregos já sentiram o seu amargor.

Neste sentido, todos já ouviram falar da guerra de Troia, narrada na *Iliada* por Homero. Depois que a bela Helena foi seduzida e raptada por Páris, Menelau, o soberano de Esparta, resolve investir contra aquele reino para salvar a esposa. O cerco dura nove anos! E os gregos (Aqueus) acabam tomando e saqueando a cidade no ano seguinte, graças a um ardiloso presente – um gigantesco cavalo de madeira, que continha soldados em seu interior e que foi transposto para aquém de suas fabulosas muralhas.

Ocorre que, no início da guerra, Zeus, o senhor dos deuses, ainda apoiava os troianos. Ora, sua divina vontade jamais poderia ficar submetida à dos gregos, simples mortais. Deste modo, usa do seu poder para insuflar Heitor, o filho do rei de Troia, a combater com muito mais valentia. E o príncipe toma a frente das falanges e luta como um leão, o que elevou a moral dos soldados e os estimulou a avançarem contra o inimigo.

E como concluiu Homero, Zeus “Deu a vitória aos Troianos e aos Aqueus pôs em fuga.”

Foi ou não foi um balde (olímpico) de água fria despejada sobre as pretensões iniciais gregas? E como foi!

Fechado esse parêntese, passo a contar os meus casos; pelo menos os baldes que mais me marcaram. Só que vou me prender à fase da adolescência, uma vez que a água que me jogaram na madureza não me esfriou tanto assim.

Mas como seria trivial se eu simplesmente narrasse os próximos episódios – uma dupla relativa ao coração –, que tal se eu os indicasse por meio da literatura? Afinal, quanto mais interessante for esta crônica, melhor. Daí que, em *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe conta a história de um amor não correspondido. Werther está apaixonado por Carlota, mas a moça já está comprometida com um nobre. Apesar desse obstáculo, ainda sopra no espírito do rapaz um filete de esperança. E ele vai ao seu encontro, e começam a conversar. Lá pelas tantas, a jovem resolve acabar com esse desconforto e o aconselha a procurar outra mulher. E recomenda que faça uma viagem a fim de se distrair.

Seria de se imaginar, leitor amigo, que Carlota já teria vertido sobre Werther toda a água fria do seu balde. Que nada! Veja o arremate que ele ainda teve que engolir: “Procure e encontre um objeto digno do seu amor; depois, volte e gozemos todos juntos a felicidade que só uma verdadeira amizade pode dar!”

E não é que esse trecho indica o que se passou comigo na puberdade? Posso garantir, no entanto, que não fui viajar, que demorei a procurar outro amor, e que, sobretudo, recusei a amizade daquela que me desprezou. – O orgulho ferido tem dessas coisas...

Mas este outro caso foi o mais traumático. E o indicarei por meio de A divina comédia.

Dante Alighieri, então com nove anos, está brincando com seus amiguinhos na rua. De repente, para o que fazia e fica boquiaberto. É que seus olhos encontraram os de Beatriz, que contava a mesma idade. Depois de vencer a timidez, vai ao seu encontro. E após algum tempo sem conseguir abrir a boca, pronuncia poucas palavras, que são correspondidas. Ambos estão apaixonados! – infantil e puramente, é claro.

Mas a menina de olhos esverdeados não se unirá a ele, vindo a falecer aos vinte e quatro anos.

Mesmo passado bastante tempo, e já casado com outra mulher, Dante ainda sofre muito pela morte de Beatriz. E cai em perigosos desregramentos. Para reerguê-lo, alternativa não teve Beatriz senão a de mostrar as penas que no inferno aguardam os pecadores. E roga ao poeta Virgílio para que o guie nesta cruzada.

Não será preciso mencionar as cenas indescritíveis desta viagem. O fato que nos interessa, entretanto, acontecerá quando Dante, depois de ter peregrinado pelo inferno, passa pelo purgatório e alcança um planalto. E antes de chegar ao paraíso, consegue entrever, através de uma nuvem de flores, “formosa dama envolta em verde manto, trajando vestes cor de fogo.” Logo após, sem que seus olhos pudessem reconhecer quem era, o viajante começa a perceber a sua profunda influência. Por fim, ele pensa em compartilhar o que se passava com seu guia, que já tinha partido: “Não me resta nas veias uma só gota tranquila de sangue, eis que me sinto arder nas chamas do amor antigo!” Sim, depois de testemunhar horrores inimagináveis, ele finalmente reencontra a sua alma gêmea!

E quais seriam as palavras que deveriam ser trocadas entre pessoas que se amam, que foram separadas por imposição do destino, e que conseguem se reencontrar depois de tantas décadas? Pelo que transcrevi até o momento, você já teria condições de deduzir quais seriam as de Dante. Mas, e as de sua musa? Pois veja o que ela falou, e qual foi a consequente reação: “Não te enganas: sim, sou eu, eu, Beatriz! Como ousaste subir até aqui, ao monte? Não sabes ser sítio reservado ao homem ditoso?” Baixei os olhos para o rio, mas, vendo minha imagem refletida nágua, volvi-os para a relva, tanta vergonha me havia tomado.”

Haverá de concordar comigo, amigo leitor, que não era bem essa a recepção que Dante tinha em mente... Ou, dizendo de outra forma, não um, mas, sim, dezenas de baldes de água polar foram entornados sobre suas esperanças!

Pois assim aconteceu comigo.

Há, porém, um lado positivo. Depois que reencontrei o primeiro amor, e a chama do desejo reacendeu, a invertida que tomei foi suficiente para que eu abandonasse para sempre todo e qualquer platonismo. – Menos mal que não precisei estagiar no inferno...

Mas sejam nos amores adolescentes, sejam nos assuntos bem mais sérios, o fato é que ninguém jamais gostou de levar um balde de água fria. Pudera! Às vezes saímos tiritando!...

Só que esses reveses, por mais doídos que sejam, têm, sim, a sua função educativa – são eles os verdadeiros agulhões do nosso amadurecimento.

Fil 4:8

Mauro Antonio

Já magoei e fui magoado
Hoje comemoro o presente
Dando salvas aos valores da mente,
Celebro agora o que for aguardado.

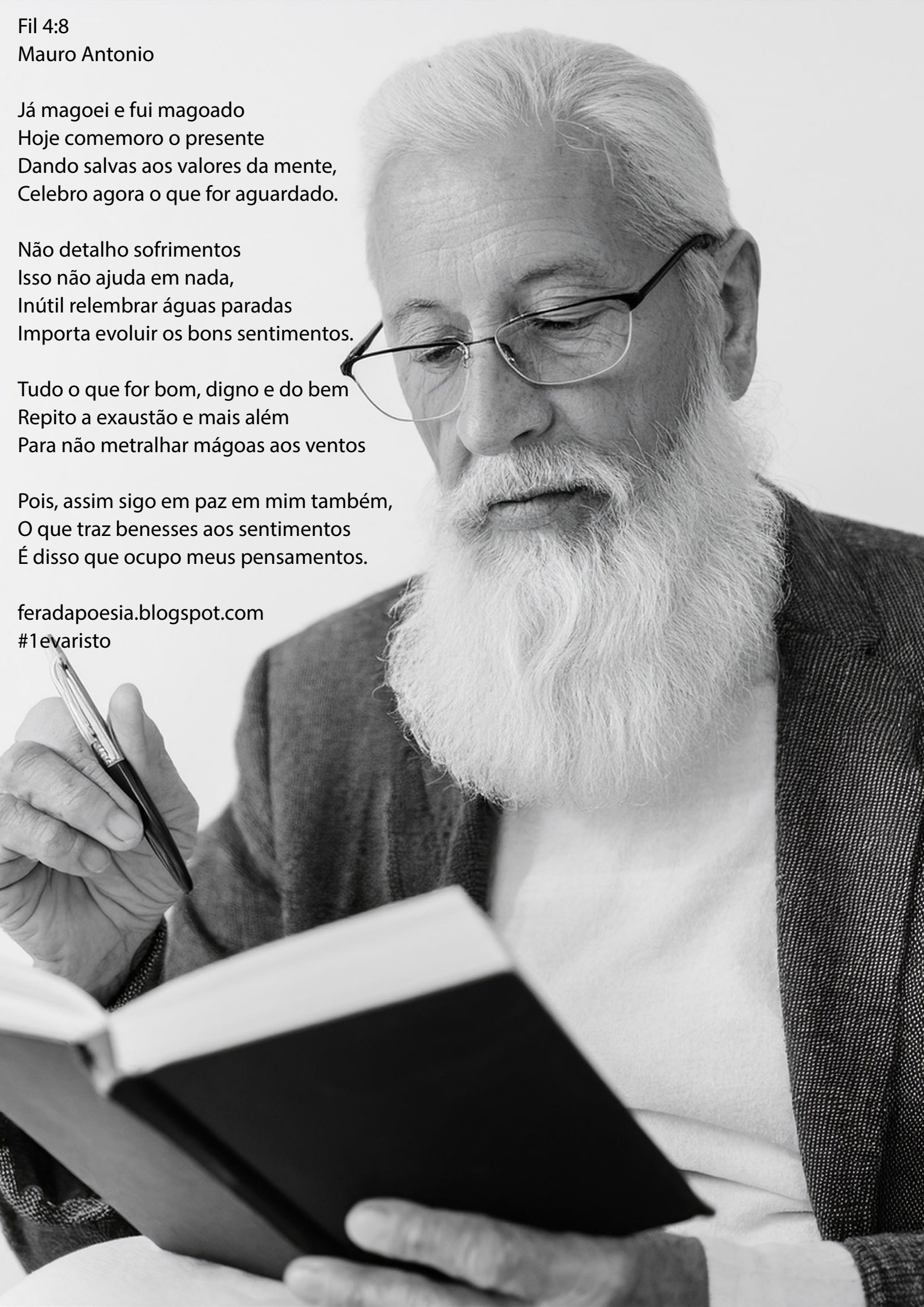
Não detalho sofrimentos
Isso não ajuda em nada,
Inútil relembrar águas paradas
Importa evoluir os bons sentimentos.

Tudo o que for bom, digno e do bem
Repito a exaustão e mais além
Para não metralhar mágoas aos ventos

Pois, assim sigo em paz em mim também,
O que traz benesses aos sentimentos
É disso que ocupo meus pensamentos.

feradapoesia.blogspot.com

#1evaristo



PRÓXIMA EDIÇÃO

#32

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina

airiehy abities
rothinidsam
lise come ant rlahuk
etelld
laclam rlahahur



Apoio cultural

